



**SEMINÁRIO MAIOR ARQUIDIOCESANO DE BRASÍLIA
NOSSA SENHORA DE FÁTIMA (SMAB)
CURSO DE FILOSOFIA**

RODRIGO GRACIANO DE SOUSA

VIRTUDE: CAMINHO PARA REALIZAÇÃO DA ESSÊNCIA HUMANA

BRASÍLIA/DF

2018

RODRIGO GRACIANO DE SOUSA

VIRTUDE: CAMINHO PARA REALIZAÇÃO DA ESSÊNCIA HUMANA

Monografia apresentada ao curso de Filosofia do Seminário Maior Arquidiocesano de Brasília Nossa Senhora de Fátima, como requisito parcial para a conclusão do ciclo filosófico.

Professor Orientador: Pe. Franciel Lopes da Silva

BRASÍLIA/DF

2018

RODRIGO GRACIANO DE SOUSA

VIRTUDE: CAMINHO PARA REALIZAÇÃO DA ESSÊNCIA HUMANA

Monografia apresentada ao curso de Filosofia do Seminário Maior Arquidiocesano de Brasília Nossa Senhora de Fátima, como requisito parcial para a conclusão do ciclo filosófico.

Professor Orientador: Pe. Franciel Lopes da Silva

Aprovado em: __/__/____

Prof. Esp. Padre Franciel Lopes da Silva (Orientador)

Profa. Mestra Carmem Cecília C. Galvão Menezes

Dedico este trabalho a Deus, que, com sua graça e fortaleza, me ajudou a superar limites e vencer desafios, me auxiliando a responder positivamente à minha vocação.

Dedico-o também à minha família, que me apoiou nas minhas decisões e aos padres formadores e aos seminaristas, principalmente da turma, que são meus irmãos de fé e caminhada.

AGRADECIMENTO

Aos professores que, ao longo desses anos, se esforçaram com muita dedicação à transmissão do saber, proporcionando momentos de reflexão crítica e debates esclarecedores, que ampliaram os olhares dos alunos para um novo jeito de enxergar a realidade.

Ao meu orientador, Pe. Franciel Lopes, que me motivou ao longo do percurso e me incentivou a doar mais de mim mesmo, com quem criei laços de amizade.

“As virtudes morais levam o homem à perfeição conforme todo o seu ser, tanto o bem que é realizado quanto aquele que o realiza.”

(Santo Tomás de Aquino)

RESUMO

Este trabalho procurou definir a realização da essência humana a partir da prática da virtude, bem como pontuar a melhor forma de executar tal tarefa. Toda a pesquisa foi norteada pela corrente de pensamento tomista-aristotélico com abordagens modernas. A princípio, “O que é a pessoa humana?”, analisando, depois, como ocorreu seu processo de definição ao longo da história até chegar na definição que temos hoje. Para pesquisar com clareza o que é a pessoa, foi feita uma trajetória com a definição antiga, clássica e moderna, nas quais identificou-se a perda do sentido metafísico-moral e, conseqüentemente, um sentido errôneo acerca do que, de fato, seria a realização da pessoa. De fato, a essência humana existe e é determinada. No entanto, esse estudo mostra que, apesar de sua determinação, o ato primeiro - a primeira perfeição do ente, o qual se inicia no agir - pode aperfeiçoar tal essência, sem modificá-la, mas sim elevando o ser pessoa. A fim de garantir a prática das virtudes, vê-se em Tomás de Aquino que em toda ação e toda escolha o homem visa o Sumo Bem. No entanto, o filósofo identifica o Sumo Bem como aquilo para o qual todas as atividades humanas tendem. Esse bem é a felicidade. A partir daí, utiliza-se da ética tomista-aristotélica, para demonstrar que a melhor forma que o homem tem para atingir seu fim último é por meio da prática da virtude, a qual é definida por Tomás de Aquino como um meio-termo entre imanência e a transcendência. Aristóteles vê o homem virtuoso como aquele que é feliz, porque soube utilizar das virtudes para alcançar a realização do seu ser buscando sempre o melhor para sua vida, e evitando toda espécie de paixões desordenadas. Por fim, observa-se que a realização da essência só poderá se dar se houver completo exercício das virtudes, o que lhe proporcionará o conhecimento de si mesmo, conduzindo-o à plena realização do seu ser pessoa no mundo e, conseqüentemente, à posse do Sumo Bem, identificado como sendo o próprio Deus.

Palavras-chave: Pessoa. Essência. Determinação. Virtude. Felicidade.

ABSTRACT

This work aims to define the human essence fulfillment through virtue practice, so as to point out the best way to perform this task. All research was guided by Thomist-Aristotelian line of thought with modern approaches. Initially, it departs from the question "What is the human person?", analysing, afterwards, how its definition process occurred through history until it arrived at the current definition. To reach a clearer research of what is the person, it was followed a timeline with the ancient, classic and modern definition, in which it was identified the loss of metaphysical-moral sense and, consequently, an erroneous sense about what a person fulfillment would be, indeed. Surely, the human essence does exist, and it is determined. However, this work shows that, regardless of its determination, the first act - the first perfection of the person, which starts on action - can improve such essence, without modifying it, but yet enhancing the human person. In order to guarantee the virtue practice, Thomas Aquinas claims that, in every action and every choice, man aims the Highest Good. However, the philosopher identifies the Highest Good as the aim to which all human actions tend to. This good is happiness. Thenceforth, it is used the Thomist-Aristotelian ethics to demonstrate that the best way for man to achieve his ultimate goal is through the practice of virtue, which is defined by Thomas Aquinas as a midterm between immanence and transcendence. Aristotle sees the virtuous man as the one who is happy because he knows how to use virtues to reach his own fulfillment, always look for the best for his life and avoiding all kinds of disordered passions. Lastly, it is possible to observe that the essence fulfillment can only be achieved with the complete virtue practice, which will provide him the full knowledge of himself, guiding him to the full achievement of his own being in the world and, consequently, to the possession of the Highest Good, identified as being the God himself.

Keywords: Person. Essence. Virtue. Realization. Happiness.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CONCEITO DE PESSOA HUMANA	12
2.1 Boécio	12
2.1.1 A Pessoa é substância	13
2.1.2 Pessoa é um indivíduo	13
2.1.3 A pessoa é um ser racional	14
2.2 Tomás de Aquino	14
2.2.1 Superioridade do homem	15
2.3 Contribuição personalista de Emmanuel Mounier	16
2.3.1 Pessoa e existência	18
2.3.2 Pessoa e natureza	18
2.3.3 Pessoa e transcendência	19
2.4 Essência e determinação	20
2.4.1 Liberdade à luz da essência	20
2.4.2 Essência como princípio de libertação e não de escravidão	21
2.5 Dinamicidade do homem	22
2.5.1 O agir aperfeiçoa o ser	23
2.6 Os reducionismos do conceito de pessoa humana	24
2.6.1 Visão materialista do homem	25
2.6.2 Fragmentação do homem	25
2.6.3 A negação que o homem faz de si mesmo provoca sua morte	26
3 NATUREZA DA VIRTUDE	28
3.1 Conceito de virtude	28
3.1.1 Sócrates.....	29
3.1.2 Filosofia aristotélico-tomista	30
3.2 Filosofia moderna	32
3.2.1 Immanuel Kant	32
3.2.2 Alasdair MacIntyre	33
3.3 Virtude como hábito do homem	35

3.3.1 Prudência.....	36
3.3.2 Justiça.....	37
3.3.3 Temperança.....	38
3.4 Vício	41
4.1 Aperfeiçoamento da essência.....	43
4.2 A virtude como meio: entre a imanência e a transcendência	44
4.3 Reconstrução da pessoa pelas virtudes	47
4.3.1 Anseio pelo fim último	47
4.3.2 Virtude: realização da essência humana	49
4.4 A ligação íntima entre virtude e felicidade	50
4.4.1 Homem virtuoso é feliz.....	51
4.4.2 O homem virtuoso é livre	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57

1 INTRODUÇÃO

Ser feliz é uma aspiração do homem, que usa de seus esforços pessoais para alcançar esse fim almejado. A felicidade é um tema que tem estado em voga nos discursos sociais nas mais diferentes classes, grupos ou partidos. Algo que vem sendo debatido o que fazer para que o homem se realize, como deve acontecer e o que seria essa realização.

Em frente a realidade social, o que parece estar na moda é a pessoa poder fazer qualquer coisa para ser feliz, não importam os meios. A falta de direção é a grande problemática hoje, que está causando uma distorção no pensamento hodierno, a ponto de alterar alguns princípios e valores, descartar e fragmentar a pessoa humana até ela não saber quem realmente é.

Diante das diversas interpretações a respeito da pessoa humana, o quadro da sociedade caminha para uma perda do sentido de pessoa e o desaparecimento da realização, se não sabe quem é a tampouco o meio para uma realização da essência, a busca de uma realização que toque o ato primeiro faz necessário.

A partir destas considerações, visa-se responder à seguinte pergunta: A virtude é uma proposta de caminho em busca de uma realização metafísica da pessoa humana? A proposta é uma abordagem ética metafísica sobre a pessoa humana e sua realização por meio das virtudes. Diante de uma sociedade extremamente utilitarista e relativista, analisar o conceito da pessoa humana passando pelo desenvolvimento histórico do termo e depois a perda desse sentido que levou à fragmentação.

Para compreender a realidade social de hoje e dar uma resposta segura a todos os questionamentos, faz-se necessário primeiro definir o que é a virtude e o que vem a ser essa realização que vem pela busca de uma vida virtuosa.

Por isso, este trabalho faz análise do que é a virtude, a partir do pensamento tomista-aristotélico, definindo-a como o caminho mais seguro para realização da essência humana.

Após determinar o que é a pessoa humana, a investigação partiu para o campo metafísico-moral. Usando como base a filosofia tomista-aristotélica com abordagens modernas, pontuamos qual é o fim último do ser humano e qual a melhor maneira de atingi-lo. Vimos que todo homem tende naturalmente ao Sumo Bem, o qual é a plena realização do seu ser, esse Bem Supremo é a felicidade que é buscada

em todo tempo pelo homem por meio das escolhas e ações. Em seguida, explicitamos o conceito de virtudes como excelente caminho para atingir a felicidade e plenificar a essência humana, livrando das paixões e desejos desordenados.

Ao término de todo estudo referente à virtude como caminho para realização da essência humana, chegamos ao ponto que nos permite afirmar que a melhor forma de realizar o ser pessoa é pelos atos virtuosos, destarte, ver-se-á que é pela prática consciente da virtude, o caminho para a felicidade, que o homem encontrará a plena realização da sua essência.

2 CONCEITO DE PESSOA HUMANA

O termo pessoa caracteriza um ser humano que tem capacidade racional. A etimologia da palavra pessoa vem do grego *prósopon*, que era a máscara que utilizavam os atores antigos nas representações teatrais. Ela escondia o rosto do ator e apresentava algumas expressões. Nas disputas teológicas, o termo perdeu o antigo significado de máscara e rapidamente se identificou com o termo grego *hispóstasis*, que no Latim é denominado *substantia*.

O Cristianismo¹ utilizou o termo pessoa para explicar o dogma trinitário, que posteriormente foi desenvolvido na Patrística e Escolástica. Neste período, um novo conceito do termo foi cunhado por Boécio, sendo aperfeiçoado por Santo Tomás de Aquino e o filósofo moderno Emmanuel Mounier, fundador do Personalismo.

2.1 Boécio

Severino Boécio² foi um divisor de águas entre a antiguidade e o período medieval. Sua relevância não se deu apenas por suas obras, mas como já dito, pela sua contribuição na definição do conceito de pessoa que até então não havia sido definido de modo claro e preciso pelos gregos.

Esse novo conceito ampliou de tal maneira a pessoa humana que os próprios filósofos Escolásticos retomaram o conceito e procuraram desenvolvê-lo. Muito embora está dita discussão tenha ocorrido no âmbito teológico, no discurso sobre as pessoas da Santíssima Trindade.

Portanto, o conceito passa a ser um problema filosófico, como diferenciar o homem dos outros entes. Para isso Boécio começa a restringir o termo pessoa só àquelas substâncias racionais, sendo que essa condição não poderia ser acidental, mas deve ser algo próprio que o diferencie dos outros seres.

Diante disso, a definição que se tem sobre pessoa é a seguinte: “Substância Individual de Natureza racional” (BOÉCIO, 2005, p. 282). Pode-se

¹ O Conceito de Pessoa e a inovação radical do Cristianismo

² Filósofo medieval (480-525)

analisar o que significa cada um desses termos que Boécio afirmou sendo pessoa humana.

2.1.1 A Pessoa é substância

É de fundamental importância saber o que é a substância para entender o termo pessoa desenvolvido por Boécio. Quando fala de substância se refere a um ente que é em si mesmo e não se confunde com outro, portanto, ela é em si e por si.

A pessoa sendo uma substância existe em si, é uma essência individualizada (MELENDO, 2011, p.52). Enquanto a essência abarca o universal se tratando do ser humano, a substância é somente um indivíduo no sentido particular.

A substância é, portanto, uma condição ontológica onde encontramos algumas características próprias, que são unidade e unicidade. Ela define a identidade do ser humano, sendo sua unidade no espaço e sua permanência no tempo.

2.1.2 Pessoa é um indivíduo

A pessoa é uma substância como foi afirmado acima, mas também carrega esse caráter de individualidade, com o seu duplo significado de unidade interna e diversidade dos outros³; isto é, a pessoa é unidade e unicidade (una e única).

Fala-se aqui de uma unidade interna não divisível. A pessoa não pode dividir-se a fim de torna-se dois entes, mas permanece um só. A exemplo de gêmeos que, sendo substância individual, possuem sua individualidade e são entes distintos. Portanto, o homem tem essas características, mas isso ainda não o define como uma pessoa, porque todos os entes são substâncias individuais. A racionalidade é aquilo que eleva à transcendência.

³ Tomás Melendo, metafísica da realidade

2.1.3 A pessoa é um ser racional

Inquestionavelmente, a pessoa humana é uma substância individual definida pela racionalidade. A Natureza racional é própria da substância pessoa, é isso o que a define. A racionalidade é aquilo que nos eleva ao transcendente.

O termo Racional deriva do Latim *ratio*,⁴ não indica só inteligência, mas todas as capacidades superiores do homem desde de a autorreflexão, moralidade e transcendência.

Portanto, Boécio ao determinar que a Pessoa é Substância Individual de Natureza Racional, elevou o grau de compreensão do que realmente é o homem. Isso ajudará aqueles que posteriormente se utilizaram do termo para defender e crescer na compressão das dimensões da pessoa. Santo Tomás de Aquino⁵ se utilizará do termo como apoio para suas futuras reflexões sobre a pessoa humana.

2.2 Tomás de Aquino

É de conhecimento geral que o conceito de pessoa foi bem fundamentado por Boécio. Posteriormente, Santo Tomás⁶, seguindo seu antecessor, define a pessoa como Substância individual de natureza racional. O nome pessoa designa os seres mais perfeitos que existem, isto é, Deus os anjos e os homens (ALVIRA, CLAVELL, MELENDO, 2014).

A perfeição da pessoa está na sua relação com o Ser subsistente, esse é o alto grau da participação do ser. A contribuição de Santo Tomás para o conceito de pessoa, está nesse grau elevado que destaca a pessoa.

Em definitivo, ser pessoa é possuir a semelhança do Ser divino de forma superior, que é a espiritualidade; é gozar de um ato de ser mais intenso. Explica-se este modo de participar o ser pelo grau superior da natureza em que é recebido, e se manifestam em umas operações exclusivas da pessoa. (ALVIRA, CLAVELL, MELENDO, 2014, p.153)

⁴ Caracteriza diversos aspectos do comportamento humano: ação. ABBAGNANO, 2014, p. 962

⁵ História da Filosofia Medieval

⁶ Filósofo e Teólogo medieval (1225-1274)

Santo Tomás destaca que ser pessoa já carrega uma perfeição, pelo fato da sua participação no Ser divino. O homem sendo pessoa humana, goza de um privilégio superior só pela sua natureza, e essa definição destaca a relação da pessoa humana com a divina.

A definição de Santo Tomás “*Persona est subsistens in rationalis natura*”⁷ (STREFLING RICARDO), traz toda a totalidade da pessoa como ser único.

Por isso, a concepção de Santo Tomás de pessoa é considerada de fundamental importância para a construção do conceito na modernidade, apesar que existem algumas correntes modernas que não pensam a pessoa em sua totalidade, mas de modo fragmentado.

Portanto, não são nem o conhecimento de si mesmo, nem o livre arbítrio, nem a responsabilidade, nem as relações com outros indivíduos os que configuram radicalmente a pessoa. Todas estas perfeições pertencem ao âmbito dos acidentes e, em consequência, derivam do ato de ser, autentico núcleo da personalidade. (ALVIRA, CLAVELL, MELENDO, 2014, p.153)

Vemos que não podemos definir pessoa só por um aspecto, seja ele o livre arbítrio ou as relações com os outros indivíduos. Pode-se definir pessoa a partir do seu ato de ser, ou seja, sua relação com o Ser subsistente (Deus), que é primordial para o conceito desenvolvido por Santo Tomás.

Essa relação, que se tem somente pelo ato de ser, mostra toda a totalidade da pessoa humana e como ela tem de ser vista. A contribuição de Santo Tomás nasce a partir de uma metafísica do ser, daí nasce todo o conceito da participação.

Em virtude dos fatos mencionados, a metafísica é primordial para entender a pessoa em Santo Tomás. O termo “substancia” dá lugar a um subsistente, que engloba essa participação em relação aos outros entes, essa relação se dá pelo ato de ser, que traz toda totalidade de ser pessoa humana.

2.2.1 Superioridade do homem

A superioridade da pessoa subsistente está na sua racionalidade. A natureza racional confere ao homem um grau maior em relação aos outros entes. Isso

⁷ A pessoa é subsistente em uma natureza racional

coloca a pessoa em condição de poder dirigir a si mesma (GARDEIL, 2013) e conduzir-se em vez de submeter-se passivamente.

Portanto, vemos que a contribuição de Santo Tomás está no âmbito elevado. Não descarta o conceito de Boécio e dá uma nova roupagem com o auxílio da metafísica do ser⁸. Pode-se notar que esse subsistente racional para Santo Tomás é um ser que está em relação íntima com o ser Absoluto, que lhe concede a racionalidade, e faz que aja diferente dos outros entes não racionais.

É indiscutível a contribuição de Santo Tomás e dos Escolásticos para o conceito de pessoa. Sua contribuição parte de associar o conceito de pessoa com a Metafísica do ser e ampliando mais a visão sobre a pessoa humana em sua totalidade. Porém não é apenas uma substância, mas sim um subsistente que devido à racionalidade participa mais intensamente do Ser Absoluto que os demais entes.

É perceptível a que noção tomista de pessoa está no discurso cosmológico, mas não diminui sua relevância no progredir do conceito de pessoa. “Santo Tomás não encerra o debate sobre o conceito, deixando sempre em aberto para contribuições futuras”. Na modernidade, alguns pensadores se destacam ao elevarem o conceito em questão, com destaque à filosofia personalista que focou na dimensão da pessoa e deu procedimento às ideias dos escolásticos.

2.3 Contribuição personalista de Emmanuel Mounier

A filosofia personalista de Emmanuel Monier⁹ coloca a pessoa como núcleo central de suas reflexões, sendo este o principal filosófico da corrente. Ele não rompe com o conceito de pessoa na tradição clássica (nem na visão de Boécio, tampouco com a concepção tomista) ao afirmar:

Uma pessoa é um ser espiritual constituído como tal por meio particular da subsistência e de independência em seu ser, ela se mantém por adesão a uma hierarquia de valores livremente adotados; assimilados e vividos, por engajamento responsável e constante conversão; ela unifica assim toda sua atividade na liberdade e desenvolve por meio de atos criadores a singularidade de sua vocação. (DE PAULA, 2012, p.54)

⁸ Metafísica do ser desenvolvida por Aristóteles e aperfeiçoada por Tomás de Aquino, estudo do fundamento do Ente.

⁹ Filósofo francês e o fundador da revista *Esprit* e raiz do personalismo (1905-1950)

Tomás e Boécio descrevem a pessoa no âmbito cosmológico. O personalismo de Mounier é de extrema importância para o desenvolvimento do conceito de pessoa humana.

O filósofo Mounier não rompe com conceito de pessoa, mas o adota como premissa de sua filosofia cristã. Nota-se a importância da interpretação personalista, visto que ele olha para o ser humano dentro de um contexto da encarnação, da criação *IMAGO DEI* (imagem de Deus).

A iniciativa do personalismo não é fechada, tendo que vista que Mounier não assume a intenção de defini-la de forma restrita. Para ele, só pode conhecer a pessoa vivendo a experiência pessoal (PEIXOTO, 2009).

Diante disso o filósofo faz um questionamento: O que é pessoa? Ele segue um pouco a linha de Santo Tomás de Aquino, dizendo o que a pessoa não é: não é um indivíduo, aqui vemos a descontinuidade entre o filósofo personalista e o termo clássico.

Mounier vai pela via negativa onde a pessoa não é um indivíduo. Pois, para ele o termo indivíduo traz um caráter egocêntrico da pessoa, por isso não define porque, fecha o termo e para o filósofo o homem é feito para comunhão. Outra afirmação é que a pessoa não é consciência que alguém tem de si, já que cada homem cria várias representações; a pessoa não é um personagem, por isso não cabe dizer que é pura consciência (PEIXOTO, 2009).

O filósofo Mounier se inspira na filosofia tomista, não podemos caracterizar a pessoa só num aspecto, mas em toda sua totalidade, por isso ele afirma sua concepção de pessoa nunca esquecendo de sua dignidade intrínseca.

A pessoa, na visão personalista, é um ser integral, ser dotado de corpo e alma, desejos liberdade, responsabilidade, transcendência. Como tal, é capaz de conhecer, de decidir, de responsabilizar-se. Entretanto, essas capacidades não são dadas, são construídas nas relações que o homem mantém consigo, com os outros, com Deus, com o meio natural e social. Para isso, o homem precisa estar aberto para estas relações. (PEIXOTO, 2009, p.33)

O Conceito de pessoa humana fica bastante claro na citação. Para Mounier a pessoa é um ser em relação, consigo, com Deus e com os outros, essa é a principal colaboração da filosofia personalista de Mounier: a Pessoa é um ser de relação.

2.3.1 Pessoa e existência

A existência humana é o ponto de partida da filosofia personalista. O Personalismo parte da existência humana, não esquecendo da essência, mas para a investigação da pessoa eles partem do imanente.

A essência da pessoa, na perspectiva personalista, desenvolve-se por meio do projetar-se fora de si. Por isso o homem é natural e transcendente, só ele é capaz de conhecer, transformar, amar e ser livre, é capaz de ação.

Diante dessa ação, desse agir o pensador apresenta a essência atrelada a existência, conforme a filosofia clássica defendia que o agir segue o ser ou seja, Mounier não separa as duas coisas (essência e existência/ agir e ser), porque ambas unidas constituem o homem em sua plenitude.

Entretanto, não quer ficar preso no âmbito, seja da essência ou da existência, porque ambas fazem parte de uma mesma totalidade. A Pessoa é um ser imanente e transcendente (PEIXOTO, 2009).

Sua preocupação é ir além de um âmbito intelectual, porque isso reduz a pessoa a um objeto. O conhecimento sobre a pessoa não é simplesmente dissecar e depois mostrar os dados, mas vai muito além, não é só escolher um lado, essência ou existência (PEIXOTO, 2009). O filósofo personalista, por outro lado, quer colocar a riqueza da pessoa humana: homem vinculado ao mundo, sem perder sua transcendência. Contrariamente ao que os modernos afirmam, enaltecendo uma dimensão e inferiorizando a outra.

2.3.2 Pessoa e natureza

Em resumo, Mounier não rompe com o conceito clássico, mas sugere-nos um novo campo de visão, o homem é um ser de relação. Por isso, ele parte da pessoa como um ser existente, não descartando a essência, mas colocando essas realidades em sincronia como fez Santo Tomás.

Além disso, o filósofo acrescenta dois novos termos, pessoa e natureza, à realidade da pessoa humana. Nesse ponto, Mounier coloca que o homem não é um ser desvinculado do mundo real, trazendo um embate entre a filosofia personalista e

algumas correntes modernas, como o espiritualismo, materialistas, essencialistas, essas buscam ver o homem de forma fragmentada, não uma totalidade.

Afirmando a natureza, ressalta a participação do homem na história, no mundo. A pessoa é uma realidade concreta que se encontra no mundo e não fora dele, sua existência é uma existência encarnada, enraizada na história.

“Nada há em mim que não seja imbuído de terra e de sangue” (PEIXOTO, 2009). Nessa afirmação Mounier quer caracterizar esse caráter de imanência do homem que tem uma existência encarnada

Isso é de uma importância muito grande para que se entenda por qual caminho Mounier chega ao conceito de pessoa. Ele não descarta a existência, mas parte dela para poder chegar à transcendência, acreditando numa dualidade de corpo e alma.

2.3.3 Pessoa e transcendência

A pessoa para Mounier é um ser em relação, por isso não pode ser desvinculado da história. Essa relação se dá no âmbito imanente e transcendente.

A transcendência se revela na relação da pessoa com Deus. É essa experiência que nos possibilita não nos encerrarmos no mundo da imanência, que nos abre os horizontes de uma vida plena (PEIXOTO, 2009).

O *Imago Dei*, é aquilo que faz que o homem seja um ser de relação. Sendo um espírito encarnado, a pessoa vive uma tríplice relação. Consigo mesmo que é a interiorização, com o outro a exteriorização e com Deus que é a transcendência.

Tanto a interiorização quando a exteriorização será positiva caso haja a transcendência como meta. A transcendência é fundamental, porque ela irá revelar para a pessoa sua verdadeira finalidade como um ser racional (PEIXOTO, 2009).

Mounier descreve a pessoa como imagem do seu criador. Seu conceito de pessoa irá se estabelecer nessas perspectivas, do homem como ser de relação. Nota-se a espiritualidade cristã que permeia toda sua filosofia.

Portanto, o personalismo de Mounier contribuiu muito para o conceito de pessoa humana da idade Média. Não rompendo o que foi desenvolvido, o filósofo personalista desenvolve com maestria o conceito de pessoa humana.

A visão cosmológica que permanecia em Boécio e Santo Tomás, com Mounier é superada e com novas ideias desenvolvida, com um apoio da ciência que no seu tempo já era bem avançada em relação aos seus antecessores.

Na busca de responder quem é o homem, a modernidade acabou fragmentando a pessoa, olhando sempre numa só perspectiva. O filósofo do personalismo chama atenção para que a pessoa não seja vista como algo fechado, mas retoma os conceitos de transcendência, natureza e existência, para mostrar que esses conceitos separados não dizem quem é a pessoa, mas juntos mostram a pessoa humana em toda sua totalidade e superioridade.

A fim de esclarecer o conceito de pessoa, passando por Boécio, Tomás e Emmanuel Mounier. Agora importante é destacar aquilo que particulariza a pessoa que é sua essência, que o faz diferente dos outros entes.

Essência na metafísica aristotélica-tomista é algo que determina o ente. Mas se a essência humana é determinada, como a pessoa irá poder exercer toda sua totalidade? Como compreender essa essência que cada pessoa tem como um princípio positivo e não negativo?

2.4 Essência e determinação

O termo essência vem desde da idade antiga com Aristóteles¹⁰, mas foi com Santo Tomás de Aquino que o termo se tornou mais forte. Essência é definida como aquilo pelo qual uma coisa é o que é (ALVIRA, CLAVELL, MELENDO, 2014)

A essência irá indicar o modo de ser da substância. Sendo a Pessoa uma substância, como afirma Boécio, então o homem é determinado por uma essência, que unida ao ato de ser, vai determinar o agir do homem.

2.4.1 Liberdade à luz da essência

A Liberdade é colocada de diversas maneiras como um indeterminismo físico, um descompromisso, indiferença, ou uma liberdade absoluta, como afirma

¹⁰ Filósofo Grego (384 a.C.-322 a.C.)

Sartre. Dizer o que é liberdade se tornou muito difícil, principalmente falar de liberdade contemplando algo como a determinação da essência, que muitos filósofos insistem em dizer que é escravidão da pessoa e um fator limitador.

A Filosofia defende que a liberdade é a “suprema aspiração do homem” (LUCAS, 1999, P.169), uma meta à qual o indivíduo concentra todos os seus esforços, em comunidade ou de forma pessoal, para alcançar. Esses atos são todos de forma livre que a pessoa busca.

Fulton Sheen¹¹ faz uma importante afirmação sobre a liberdade: “a liberdade é o direito de fazer o que eu devo” (SHEEN, 1956, p.169). “Vê-se então que a liberdade está intimamente ligada a algo que a determina. Não se pode compreender a liberdade como liberalidade: posso fazer tudo ou ser tudo que quiser.” Dessa forma, Mounier afirma que a liberdade do Homem é limitada, ele não pode ser tudo, mas aquilo que sua essência diz o que ele é (PEIXOTO,2009).

A afirmação do filósofo Fulton Sheen traz uma compreensão magnífica da essência: o homem só é livre porque sua essência determina aquilo que ele faz e aquilo que ele é, o homem é o que é, não podemos buscar caminhos perigosos para explicar essa realidade que é simples e direta.

Liberdade e essência caminham juntas, de forma que a essência ajuda a compreender o sentido pleno da liberdade e faz agir de acordo com ela, sendo que liberdade não é fazer tudo, mas fazer aquilo que tenho que fazer e devo fazer. Essa frase assemelha-se ao axioma metafísico: o agir segue o ser. A pessoa que é um ser livre age livremente conforme sua essência, e quanto mais segue aquilo que a essência comunica, mais livre e realizado o homem pode ser; tem de ser vista como princípio de libertação, não como escravidão.

2.4.2 Essência como princípio de libertação e não de escravidão

É possível pensar, numa essência humana que é determinada e, ao mesmo tempo, é livre para que haja normalmente. Essa conciliação ajuda a compreender como uma essência determinada a pessoa pode ser livre, isso porque tanto a liberdade e a essência não podem estar separadas, mas que uma dá a possibilidade para outra, é próprio do homem ser livre.

¹¹ Bispo católico americano (1895-1979)

Para os antigos a determinação das coisas era mais clara, os pitagóricos que utilizavam os números, para o desenvolvimento da filosofia, eles afirmam que os números pares pelo fato de ser indeterminado são menos perfeitos, e os ímpares são perfeitos por causa da sua determinação (REALE, 1999). Levando isso para hoje, a perfeição da essência humana e sua liberdade está na sua determinação, porque nessa determinação vai se expressando o que realmente é, por isso o fato de ser limitado não é ruim, mas condição libertadora.

Pensar a essência é entender que é causa de libertação e não escravidão. Quando o homem pensa na sua essência, ele si conhece, e ver a sua verdade. A pessoa é a verdade ontológica de si mesma.

Quando a pessoa se conhece, ela descobre que é verdadeira. Agostinho de Hipona afirma: “O verdadeiro é verdadeiro na mesma medida em que é ente: a verdade fundamenta-se no que são as coisas”. A pessoa é verdadeira porque existe, e existindo pode expressar toda sua capacidade que é comunicada pela sua essência.

Compreender a essência humana é entender que a pessoa pode até ter desejos ilimitados, mas sua ação sempre será limitada. A pessoa será livre quando seguir exatamente o que diz sua essência, a liberdade consiste em tornar-se aquilo que é, isso é libertação não escravidão. Diante de uma essência humana determinada, como se explica a dinamicidade da pessoa. É possível um aperfeiçoamento?

2.5 Dinamicidade do homem

A pessoa é um ser dinâmico, mas não pode confundir o dinamismo com aquilo que a corrente mobilista traz (REALE, 1999). Os mobilistas afirmam que tudo está em mudança, o ser não seria permanente, pelo contrário, seria movimento. Aqui anula a unidade interna da pessoa, em todos os momentos haveria uma mudança constante sem identidade.

É indiscutível que exista o movimento, mas não como os mobilistas afirmam. A dinamicidade do homem não consiste numa mudança ontológica, a pessoa não deixa de ser, por adquirir alguma perfeição.

O homem busca o aperfeiçoamento, porque sua Substância é passiva em receber perfeição, mas isso não muda sua dimensão ontológica (ALVIRA, CLAVELL, MELENDO, 2014). Toda a atividade da pessoa que visa um bem traz uma perfeição à sua essência, mesmo ela sendo determinada, ela dá esse dinamismo para aperfeiçoar o seu ser pessoa.

Compreende por dinamismo esse agir do homem que aperfeiçoa o seu ser. Por meio da sua existência encarnada (PEIXOTO, 2009) a pessoa busca a perfeição por meio do seu agir no mundo, seguindo aquilo que sua essência comunica.

2.5.1 O agir aperfeiçoa o ser

O Dinamismo do homem se dá pelo seu agir. É próprio da essência humana ser dinâmica, como afirmaram os personalistas, a pessoa humana é o sujeito do ato, é aquele que faz, seja nos seus atos voluntários, ligado à moral, ou involuntários que são próprios da dinâmica da matéria.

O agir da pessoa humana está ligado ao princípio de ato e potência. O Ato é essa perfeição atual, a potência é uma possibilidade de vir a ser algo; Sempre a potência está inclinada para um ato.

A ação da pessoa humana é sempre em vista de uma perfeição. A realidade do ato e da potência ajuda a compreender esse dinamismo que ocorre no homem. Todo agir do homem é para aperfeiçoar sua essência e alcançar a realização no ser.

O agir está ligado à existência e causa na pessoa humana uma mudança. Não no âmbito ontológico, mas na existência. A pessoa é o sujeito do ato, sempre busca se aperfeiçoar.

A existência do homem procura agir, mas em vista de aperfeiçoar o seu ser pessoa, a perfeição adquirida não a faz mais pessoa, mas realiza o seu ser pessoa. Aqui, nessa perspectiva de um agir que aperfeiçoa o ser, tem-se uma ética metafísica, todo agir da pessoa é sempre em busca da realização da sua essência humana.

Saindo de uma perspectiva materialista e entrando numa realização no âmbito da metafísica, é assim que se deve compreender o homem: uma realidade encarnada que busca sua realização no âmbito metafísico e não físico.

Portanto, o dinamismo e a determinação da essência caminham juntas. A pessoa é um ser encarnado; sendo um ente racional, tem uma essência que a determina, e estando no mundo tem uma capacidade dinâmica de se aperfeiçoar. É algo próprio, todas as pessoas buscam a perfeição.

A pessoa é um ser completo que busca sua realização. Em primeiro momento, para mostrar esse caminho para uma realização, tem de ver o homem na sua totalidade. A filosofia moderna e contemporânea perdeu a dimensão da realização por ver o homem sobre uma perspectiva, não como uma totalidade.

2.6 Os reducionismos do conceito de pessoa humana

Em resumo, o conceito de pessoa ao longo da história foi se desenvolvendo, de uma forma gradual e progressiva, isso ajudou a entender a sua superioridade em relação aos outros entes. Se é superior tem de agir de uma forma elevada.

Após a idade média, com a baixa da metafísica e o avanço das ciências naturais, começaram a repensar quem é o homem. Na busca de fazer uma metafísica que contempla a pessoa, houve esse giro antropológico, mas que desde os antigos o ser pessoa sempre teve a sua primazia, mas como criatura de Deus.

O período do iluminismo¹² contribuiu para que houvesse interpretações reducionista sobre a pessoa humana. A partir do momento que interpreta o homem em um aspecto, cai no reducionismo.

Se o Homem é só espiritual, caí no espiritualismo, só essência no essencialismo, só existência no existencialismo (PEIXOTO, 2009). Essa visão parcial do homem rebaixa sua totalidade, gerando então esses reducionismos citados acima. O mundo contemporâneo, da mesma forma, caracteriza-se por reduzir o homem a uma visão materialista, excluindo assim, sua transcendência constatada por Mounier.

¹² Iluminismo – movimento intelectual e filosófico Europa durante o século XVIII

2.6.1 Visão materialista do homem

Materialismo, de qualquer tipo que seja, apresenta uma redução do homem e a sua forma de viver no mundo. O mais influente hoje é o materialismo marxista.

Esse materialismo tem raízes na filosofia de Hegel¹³. Para ele a única realidade era do espírito absoluto que se realiza na história, toda existência da pessoa só tem função se realizar os projetos do espírito absoluto.

Karl Marx dá a volta a este idealismo, substitui o espírito pela Matéria, e especifica a essência do homem como práxis. Se a matéria é princípio absoluto, a essência do homem é a transformação da matéria por meio do trabalho. O homem é aquilo que faz, ou melhor, aquilo que o com trabalho se faz. A essência do homem é a capacidade real de transformar o mundo. (MATOS, 2017, p.96)

Nota que o centro desse materialismo é a explicação do homem na história, e a visão meramente socioeconômico. O materialismo concebe a pessoa sob o único aspecto, porque para eles não existe o transcendente. Partindo desse ponto, o marxismo busca responder os problemas da sociedade (MATOS, 2017).

Temos aqui uma relação objetual com a pessoa humana, tratando-a só como matéria e reduzindo sua essência, e levando ao âmbito dos animais. O materialismo vai destruindo a pessoa por dentro, pelo fato de só considerar um aspecto, é nítido que a transcendência aqui não se encaixa e os valores morais entram no âmbito utilitarista, sem a importância de ajudar o homem a crescer.

2.6.2 Fragmentação do homem

O materialismo exerce uma profunda influência no homem contemporâneo. Passou a ser visto de forma fragmentada, não existe mais transcendência, o homem é só um fator biológico.

Com a perda da metafísica, e a crescente filosofia do relativista, o homem perde o seu sentido, aquilo que a essência revela dele. A fragmentação da pessoa acontece quando se perde a dimensão da sua totalidade, o Materialismo é o responsável por tirar do homem seu real sentido que é a realização (LEWIS, 2017).

¹³ Filósofo alemão (1770-1831)

Diante de uma realidade esquecida, não podemos falar sobre realização, e muito menos de caminhos. Se não restaurar aquilo que é próprio do homem em sua natureza, colocar o sentido de essência com o resgate da metafísica, e buscar pensamento que colabore e se importe com a pessoa na sua totalidade.

A filosofia personalista com Mounier buscar restabelecer isso, para que possa voltar o homem para a direção certa, e assim redescobrir seu verdadeiro eu. E buscar o caminho para realização que só acontece se ele próprio saber quem é realmente, como uma pessoa de natureza racional.

2.6.3 A negação que o homem faz de si mesmo provoca sua morte

Quando Nietzsche proclama a morte de Deus, ele está afirmando a morte do próprio homem e seu contexto de felicidade, que se torna para o niilismo impossível.

Após a queda da metafísica, o homem tem se negado, pelo fato de não ter mais um direcionamento em relação àquilo que realmente tem de fazer. Na antiguidade o homem buscava as virtudes e a felicidade, na medieval virtude do homem era no seu relacionamento com Deus e com seu próximo, na modernidade com a crise dos valores, uma percepção errônea de homem, não temos mais caminho, porque a pessoa está negando aquilo que está nela.

A sociedade consumista afoga até mesmo a questão do valor dos fatores internos como honestidade, sinceridade, simplicidade. A procura de sucesso, de bens materiais não abre espaço para outras preocupações e interesses menos materiais, e a pessoa, em vez de enriquecer-se interiormente, vai diminuindo seu horizonte e seu sentido da vida, até reduzir sua perspectiva vital aos aspectos mais materiais da existência. (RODRIGUEZ, 2016, p.15-16)

A sociedade tem se resumido a isso. Aquilo que essencial para a pessoa vem sendo deixado de lado, por diversos fatores que tocam no âmbito material, a morte do homem se dá pelo fato dele negar aquilo que ele é, sua essência. Ao se negar acaba caindo no nada simbólico, perdendo o sentido de si e do seu relacionamento com os seus semelhantes, porque a pessoa é relação.

Em suma, colocamos quem é o homem, para que possa traçar o caminho que toque a essência humana a ponto de se realizar como pessoa. Para isso tem de

perceber que ao longo da história algumas correes atrapalharam o homem, tanto no sentido de fragmentá-lo, tendo induzi-lo ao erro.

Esse caminho que será proposto, necessita que o homem se compreenda como uma essência determinada (RODRIGUEZ, 2016) que é capaz de autorreflexão, e de tomar decisões corretas. A realização não tocará o âmbito material, mais a sua realidade metafísica como pessoa humana, e assim realizar a sua própria essência.

3 NATUREZA DA VIRTUDE

No capítulo anterior, foi definido o conceito de pessoa. Sendo um ser racional que busca por meio dos seus atos a sua realização.

A virtude é o caminho para essa realização, porque em sua natureza modifica o homem a partir da essência. Com o conceito de homem definido, a virtude pode ser colocada como aquilo que todos almejam para torna-se melhor.

A virtude é a justa medida entre o excesso e a escassez. Pode-se dizer que a virtude é o meio entre a imanência e à transcendência. Mounier e Tomás de Aquino ressaltaram que o homem sendo um espírito encarnado tem um anseio por aquilo que o leve a transcendência.

3.1 Conceito de virtude

Mas o que é a virtude? O termo virtude (*areté*) designava a qualidade de uma pessoa que demonstrava nobreza e educação em seu comportamento. No latim (*virtus*) representava superioridade do varão que pela sua força ignorava a dor até à própria morte (MARTINS JÚNIOR, 2014).

O filósofo Pierre Aubenque afirma que “[...] a virtude consiste em agir segundo o justo meio e o critério do justo meio é a reta regra” (AUBENQUE, 2007, p.27). A virtude sempre foi ligada à perfeição, e sempre foi almejado por todos, na Grécia só os melhores e os mais esforçados conseguiria, um privilégio para poucos.

A virtude não é nem natural, nem inatural ao homem. O homem adquire essa capacidade pela prática, pela ação; tornamo-nos justos e moderados pela prática de atos justos ou moderados.

Diante dos conceitos abordados sobre a virtude, o que é importante destacar é a linha aristotélica-tomista que contribui para o desenvolvimento do conceito de virtude.

Tomás faz uma distinção entre virtudes morais e virtudes intelectuais. Segundo ele, as virtudes intelectuais aperfeiçoam o intelecto especulativo e prático, enquanto que as virtudes morais aperfeiçoam a potência apetitiva.

Ambas funcionam como motores com a função de aperfeiçoar o homem.
(ROCHA, 1677)

A virtude é vista como um motor que move e aperfeiçoa o homem (ROCHA, 2010), suporte da ética Tomista. Toda pessoa humana é capaz de ser virtuosa, por isso essa prática foi incentivada por muitos filósofos, em destaque o pai da filosofia Sócrates que dá início a esse pensamento.

3.1.1 Sócrates

O início da filosofia remonta ao século VI a.C., com os filósofos da natureza ou pré-socráticos. São colocados como filósofos da natureza por que eles buscavam os princípios das coisas, destaque Tales de Mileto.

Com Sócrates¹⁴ a filosofia grega dá um giro e centra-se na pessoa humana. É por essa razão que é considerado o século do humanismo grego, que posteriormente Platão¹⁵ e Aristóteles darão continuidade.

Sócrates sai do âmbito cosmológico e parte para antropológico, homem é o centro das reflexões agora. Diante disso, a virtude torna-se o fator primordial para o auxiliar a pessoa humana.

Para Sócrates o mais importante para o homem é alcançar a virtude (RODRIGUEZ RAMOS, 2006, p.87). A virtude está enraizada no conhecimento, porque, o que a pessoa poderia buscar de mais sublime seria torna-se virtuoso. A excelência do cidadão grego está enraizada no conhecimento. Que o máximo que uma pessoa poderia almejar como objetivo de vida seria se tornar uma pessoa virtuosa.

Sócrates é importante pelo fato de tirar a atenção do cosmo, e levar para o homem, é o primeiro a focar a ética. “A ideia grega de virtude é a da excelência da coisa, quando essa coisa é o homem, então a virtude significa a excelência do cidadão, seu esforço para torna-se o melhor possível e atingir o ideal do homem verdadeiramente homem”. (MAGALHÃES TEIXEIRA, 1986, p.18) Sócrates via a virtude como a disposição que tornaria o homem bom para o bem da pólis.

¹⁴ Filósofo grego (ano de 470 a.C.)

¹⁵ Filósofo grego (348-347 a.C.)

O autoconhecimento é importante para ética socrática, o homem só sabe o que é a justiça se conhece a injustiça. O homem que se conhece é virtuoso, essa premissa será a base de toda ética futura. O conhecimento é o ponto principal para que o homem alcance a virtude para Sócrates.

A maiêutica socrática é de extrema importância, para esse desenvolvimento da virtude aconteça no interior do homem. Para Sócrates a virtude é para o bem da pólis, e esse bem só acontece a partir de um autoconhecimento, temos a maiêutica como o método principal para que possa alcançar a virtude. A virtude como o bem dá pólis virá com Platão e Aristóteles. Na idade média, com Tomás de Aquino, terá uma nova concepção sobre virtude, não só como bem dá pólis, mas também como bem do homem.

3.1.2 Filosofia aristotélica-tomista

Em suma, Sócrates traz para o homem a importância da investigação ética e o valor das virtudes. Platão e conseqüentemente, Aristóteles¹⁶ dão continuidade a esse estudo das virtudes. O importante é ressaltar o pensamento de Tomás de Aquino que bebe muito da fonte aristotélica. Temos que considerar Tomás que desenvolveu bem a ética de Aristóteles.

Para falar sobre virtudes na concepção aristotélica-tomista, primeiramente tem de colocar como o próprio Tomás classifica, e como a virtude atua no agir humano.

A virtude designa certa perfeição da potência. Mas a perfeição de uma coisa é considerada, principalmente, em ordem do seu fim. Ora, o da potência é o ato. Portanto, a potência será perfeita na medida em que é determinada por seu ato. As potências racionais próprias do homem não são determinadas a uma coisa só, antes se prestam, indeterminadamente, a muitas coisas. Ora, é pelos hábitos que elas se determinam aos atos. Por isso as virtudes humanas são hábitos. (SUMA TEOLÓGICA, Iª seção, IIª parte, q. 55 a.1)

Influenciado pela filosofia aristotélica, Tomás busca classificar a virtude como hábito, ou seja, uma disposição firme e constante para agir bem. Existe no homem essa disposição para receber a virtude. Tendo claro o conceito de pessoa vimos que apesar de ser uma essência determinada existe uma dinamicidade, e a

¹⁶ Filósofo Grego (384 a.C.-322 a.C.)

virtude faz parte disso, que é a capacidade que está na própria natureza humana, a qual se enraíza na sua natureza específica e individual, que corresponde no seu agir. Assim define Tomás:

O Filósofo define o hábito como uma disposição segundo a qual alguém se dispõe bem ou mal, e no livro II da Ética, diz que é segundo os hábitos que nos comportamos em relação com as paixões, bem ou mal. Quando, pois, é um modo em harmonia com a natureza da coisa, então tem a razão de bem; e quando desarmonia, tem a razão de mal. (SUMA TEOLÓGICA, Iª seção, IIª parte, q. 49 a.2)

Tomás não define o hábito a partir do determinismo, só por um tipo de agir. O que ele coloca é uma disposição natural pelas virtudes que caracterizaria um hábito bom ou o vício como um hábito mal. Não existe na sua ideia um determinismo, mas liberdade que está na inteligência do ser que deseja.

A disposição para a virtude como um bem sempre será desejada pelo homem. O vício é desejado, porque se mostra como uma aparência de bem, no seu interior o homem só pode escolher pelo bem. Enquanto a virtude leva a essência para uma realização no âmbito metafísico, o vício traz uma sensação de bem, como afirma Santo Agostinho uma aparência de bem.

Na filosofia tomista diz que o verdadeiro sentido do hábito é pura e simplesmente uma qualidade adquirida (AQUINO, 2005) e livremente desenvolvida, que facilita e aperfeiçoa a ação e o próprio homem.

Tendo em vista que foi influenciado pela filosofia grega, principalmente por Aristóteles, a ética tomista vê a virtude como algo que auxilia o homem a alcançar o seu fim, pois é um hábito que é adquirido e não é algo que já nasce no homem. Tomás de Aquino desenvolve bem colocando como algo primordial para alcançar a felicidade, no seu contexto como cristão. Diferente de Aristóteles, ele coloca que a virtude é o caminho para a visão beatífica (VEIGA, 2017, p.82).

Em suma, a virtude é um hábito que o homem consegue adquirir, mas o diferencial da filosofia aristotélica-tomista para socrática é que, a virtude não é só um hábito adquirido para alcançar uma realização terrena ou ser um bom cidadão da polis, seu diferencial é um aperfeiçoamento que toca a essência (ROCHA, 2010). Esta é uma realidade metafísica, a virtude ajuda na realização como pessoa, não mudando quem a pessoa é, mas elevando-a a um sentido mais pleno, abarcando-a na totalidade do seu ser.

3.2 Filosofia moderna

A concepção tomista de virtude vem muito pelo meio cristão- católico que o filósofo está inserido. A metafísica ajuda a ética das virtudes se desenvolver de uma forma mais sólida, mas a partir de século XVIII há essa transição entre a idade média e a idade moderna, culminando com o movimento do iluminismo, que faz um giro antropológico.

Vale ressaltar que no primeiro capítulo elencamos que um dos motivos dá fragmentação da pessoa e a perda dos valores se dá por causa dessa passagem. O termo virtude, abordado na idade clássica e medieval, já não tem o mesmo significado idêntico, acusam a idade média de não desenvolver a moral segundo a razão, mas tudo em Deus. Podemos ver que para poder ser virtuoso o homem medieval tinha que se utilizar da razão, mas o diferente é que tudo estava voltado para um fim a visão beatífica. Os modernos tiraram esse fim que o homem virtuoso almejava.

A modernidade tem dificuldades com o conceito de virtude desenvolvida na idade média, mas teve filósofos que buscaram manter a base ética-metafísica desenvolvida na idade média.

3.2.1 Immanuel Kant

Para Immanuel Kant¹⁷, considerado um dos expoentes da filosofia moderna, a doutrina da virtude constitui-se da doutrina geral dos deveres.

Kant não difere muito daquilo que a modernidade traz. Com a passagem da idade média para a moderna não houve só uma crise do homem enquanto pessoa, mas como ele encara e lida com os valores que antes eram absolutos.

Como foi colocado no primeiro capítulo, sobre o reducionismo da pessoa humana e sobre algumas interpretações que fragmentam o homem, no âmbito da virtude acontece a mesma coisa. O conceito de virtude vai mudando, para os gregos e medievais eram meio termo entre dois extremos que conduzia para um fim a

¹⁷ Filósofo moderno (1724-1804)

felicidade. Kant tira o fim, porque se o homem é conduzido para um fim, seja ele qual for, sua disposição é interesseira.

As virtudes com Kant perderam essa dimensão metafísica, agora a ética diz respeito apenas ao âmbito imanente. Ele coloca a virtude como um dever, “Dever é a necessidade de uma ação por respeito à lei. Pelo objeto, como efeito da ação em vista posso eu sentir verdadeira inclinação, mas nunca respeito” (KANT, 1997, p. 31).

A lei colocada por Kant é um autorregulador do homem, um imperativo categórico¹⁸ que irá obrigar a seguir esse dever que é determinado pela razão prática. Pode-se dizer que a virtude na modernidade não tem mais um valor absoluto que ajuda a pessoa alcançar a felicidade, como afirma Tomás de Aquino (AQUINO, 2013). Para os modernos, não existe essa realidade metafísica junto com a ética, agora só uma ética materialista, negação de um fim absoluto, e vista de uma satisfação imanente.

Em Kant não existe uma ética pautada nas virtudes, mas uma ética do dever, o agir do homem é pautado no dever naquilo que sua razão prática vai ditando. Por isso, é uma ética materialista, pelo fato de anular todos os conceitos metafísicos, bem, felicidade, transcendência. A realização do homem agora é vista numa perspectiva imanente.

Com essa passagem, Kant anula completamente a metafísica e deixa a ética fragilizada. O homem não busca mais o absoluto, mas um agir do dever pelo dever, com uma realização que se dá no âmbito da imanência.

3.2.2 Alasdair MacIntyre

Nesse tópico é necessária a compreensão da teoria das virtudes de MacIntyre¹⁹. Ele é de suma importância para a visão de virtude na sociedade contemporânea, sua visão sobre as virtudes não anulam o conceito clássico, mas busca um resgate. Em suas obras é muito forte as críticas em relação à modernidade que teve início com o iluminismo.

¹⁸ O conceito de imperativo categórico foi desenvolvido pelo filósofo alemão Immanuel Kant, como conceito central de sua deontologia, aspecto da filosofia moral que trata dos deveres. O objetivo de Kant era definir uma forma de avaliar as motivações para a ação humana em todos os momentos da vida. Um imperativo seria qualquer proposição que declara uma determinada ação como necessária, a partir desta noção Kant divide os imperativos em duas categorias: categóricos e hipotéticos.

¹⁹ Filósofo britânico principalmente conhecido por suas contribuições para a moral e pela filosofia política, mas também é conhecido por suas obras no campo da história da filosofia e teologia.

MacIntyre, em seu conceito a respeito das virtudes, refere-se a um contexto específico. Como por exemplo, o autor apresenta três modos de conceituar a virtude: o de Homero²⁰, no qual “[...] a virtude é a qualidade que capacita o indivíduo a exercer o seu papel social”; o de Aristóteles, do Novo Testamento e o de Tomás de Aquino, para os quais “[...] a virtude é a qualidade que capacita o indivíduo a dirigir-se à conquista do seu *telos*²¹ especificamente humano” e o de Benjamin Franklin²², para quem “[...] a virtude é a qualidade que tem utilidade para se alcançar o êxito secular e celestial” (MACINTYRE, 2001, p.312; cf. 1984, p.185)

Por um lado, cada compreensão de virtude relaciona-se com um quadro de vida social; todas elas requerem “[...] a aceitação de alguma explicação anterior de certas características da vida social e moral segundo as quais o conceito de virtude deve ser definido e explicado.” (MACINTYRE, 2001, p.314; cf. 1984, p.186)

Pela constatação acima, de que as virtudes são práticas necessárias para a moralidade humana, o próprio MacIntyre ambiciona isso, demonstrar que as virtudes são necessárias em todos os relatos possíveis.

MacIntyre tenta colocar a virtude como o centro da busca do homem, ele entende que a modernidade foi relativizando os valores morais. Reiterando a virtude como a disposição almejada pelo homem, como era na idade clássica, entende-se como uma reconstrução da moral mais sólida.

Partindo de todo esse conceito da virtude, o filósofo elabora três estágios para suas teorias das virtudes, e é descrito da seguinte forma por Schneewind:²³

A teoria das virtudes de MacIntyre se desenvolve em três estágios, cada um representando uma fase da vida moral e incorporando aspectos de visões mais recentes na tradição. O primeiro estágio concerne na virtude em atividades nas vidas individuais; o segundo estágio concerne na virtude em uma vida inteira; e o terceiro mostra como a virtude relaciona a vida do indivíduo à sua comunidade. E em cada estado condições gerais são necessárias para dar sentido às virtudes. (MACINTYRE, 1982, p. 655)

²⁰ A Odisseia é uma das obras mais clássicas e antigas da literatura ocidental. Este épico, provavelmente produzido por Homero, talvez um *aedo*, artista que na época cantava poemas nos quais se narravam atos heroicos e grandiosos.

²¹ Traduz-se *telos* por "fim", entendido como meta, e também por "finalidade", entendida como propósito, interpretando-se mal essa palavra grega.

²² Benjamin Franklin (1706-1790) foi diplomata, escritor, jornalista, filósofo e cientista norte-americano. Assinou três documentos principais na criação dos Estados Unidos: a "Declaração da Independência", o "Tratado de Paris" e a "Constituição". Fundou na Filadélfia uma Academia que mais tarde se transformou na Universidade da Pensilvânia.

²³ Jerome B. Schneewid é um filósofo e professor emérito de filosofia na Johns Hopkins University

MacIntyre toma essa medida dos três estágios para poder preencher o espaço deixado pelo abandono da metafísica e de uma concepção fechada de pessoa. Esse estágio é uma forma ascendente, que pode levar o homem a uma compreensão satisfatória da virtude. O filósofo quer combater especialmente o relativismo que vem crescendo. Ele propõe o retorno da ética pautada nas virtudes, como se tinha na idade clássica.

3.3 Virtude como hábito do homem

Como foi colocado anteriormente, a virtude é uma disposição de caráter que permite realizar atos moralmente bons, é a medida entre extremos (VEIGA, 2017), esses atos metafisicamente causam um aperfeiçoamento na essência humana, mas para tal é preciso que a pessoa se disponha de exercícios que formam hábitos bons.

Aristóteles nos disse: “Os homens são bons de um modo apenas, porém são maus de muitos modos” (ARISTÓTELES, 2009, II, 6, 1106 a) o que mostra que temos fortes tendências para deixar-nos ser seduzidos pelos prazeres desordenados.

Para poder vencer isso, o próprio Tomás de Aquino, que bebeu da filosofia de Aristóteles, diz que a virtude é o caminho para vencer as paixões desordenadas, porque por meio de práticas cotidianas pode-se gerar atos positivos que leva o agir seguir o ser. (AQUINO, 2013)

Temos as virtudes morais e intelectuais. Virtudes intelectuais são aquelas que aperfeiçoam o homem no âmbito do conhecimento da verdade, as virtudes morais por outro lado, ajudam o homem no domínio de si mesmo, para que ele possa agir bem.

As virtudes morais e intelectuais não são inatas, o homem precisa adquirir, mesmo assim a pessoa tem uma disposição interior para desejar as virtudes. O foco será as virtudes morais, que irão ajudar o homem nessa disposição para seguir sua reta razão e o domínio de si mesmo.

3.3.1 Prudência

Tomás de Aquino divide a vida entre ativa e contemplativa. “As virtudes morais estão ligadas à vida ativa, pela determinação à vida exterior” (VEIGA, 2007, p.105) que se ordena à ação. A prudência, apesar de ser uma virtude intelectual, ordena-se aos atos das virtudes morais, por isso ela é essencial no o âmbito da vida ativa.

A Moral Aristotélica-Tomista traz a virtude como o justo meio entre dois extremos, entre o excesso e a deficiência. A prudência, como afirma o filósofo André Comte-Sponville: “é uma virtude intelectual²⁴”, sendo também classificada na antiguidade e na idade média como umas das quatro virtudes cardeais ou morais, sendo elas: Justiça, Fortaleza, Temperança e Prudência.

Sendo uma virtude intelectual, tem grande relevância para ajudar o homem a chegar ao justo meio, porque ordena-se aos atos das virtudes morais e também está ligada ao âmbito da vida ativa.

Aristóteles, ao se referir à virtude da prudência, define o homem prudente como aquele que soube calcular bem diante de determinada situação para atingir uma finalidade boa.

Julga-se que seja característico de um homem dotado de sabedoria prática [prudência] ser capaz de deliberar bem acerca do que é bom e conveniente para ele, não sob um aspecto particular (como por exemplo quais as espécies de coisas que contribuem para a saúde e o vigor), mas sobre aquelas que contribuem para a vida boa de um modo. (Ét. a Nic., VI, 5, 1140 a)

A partir dessas palavras, o Estagirita afirma que o homem prudente é aquele que sabe deliberar bem. “Tomás de Aquino, seguindo a linha de Aristóteles, coloca a prudência como uma guia das virtudes morais, ele a chama de mãe das virtudes (*genitrix virtutum*), como a principal entre outras” (VEIGA, 2017, p.108).

Ela é uma virtude especial pela sua dualidade: por ser propriamente intelectual, mas está voltada para o agir (AQUINO, 2005). A prudência não determina os fins para ação, mas os meios mais convenientes para esse agir virtuoso, (AQUINO, 2005), como por quais caminhos a pessoa humana deve realizar uma ação para atingir o meio-termo moral. “A prudência se apresenta em três espécies: uma para o bem de

²⁴ COMTE-SPONVILLE, 2004.

si mesmo, que é a prudência propriamente dita; outra para o bem doméstico ou da família; e uma outra é o bem da cidade, a prudência política.” (STH., II-II, q.47, a 11, resp.)

Dentro da prudência temos a chamada da falsa prudência. Ela ocorre uma razão instrumental que delibera bem sobre os melhores meios para atingir um fim mau. “Assim como um ladrão ou assassino, poderiam deliberar e executar bem um crime.” (VEIGA, 2017, p.109)

Em suma, a prudência é a mãe das virtudes pela reta razão do agir, pois de alguma forma todas as virtudes participam dela. Ela possui uma dualidade pelo fato de ser uma virtude intelectual que tem repercussão na vida ativa. Sendo assim, ela é necessária para o agir virtuoso. A partir daqui as virtudes que se seguem propriamente se realizam sobre o comando da prudência.

3.3.2 Justiça

Tendo visto sobre a prudência e seu papel como mãe das virtudes, mesmo sendo intelectual tem seu desenvolvimento na vida prática.

A virtude da justiça, definida por Aristóteles, é “uma disposição de caráter que leva o homem a desejar e praticar atos justos.” (ARISTÓTELES, 2001) Tomás de Aquino define como uma virtude que consiste na “vontade constante e perpétua de dar a cada um o seu direito” (VEIGA, 2017, p.118). Abbagnano, no seu Dicionário de Filosofia, afirma que a justiça, além de outras significações possíveis, pode significar a conformidade da conduta humana a uma norma estabelecida²⁵ (ABBAGNANO, 2000, p. 593).

Dentro de todas essas formas de apresentar a virtude da Justiça, ambas tão estritamente ligadas, o próprio Tomás não descarta a afirmação de Aristóteles, porque a pessoa que procura a virtude da Justiça sempre vai buscar atos de justiça, seja consigo mesma ou com o próximo.

A Justiça sempre vai estar ligada ao bem comum. O próprio Tomás diz que ela tem “preeminência sobre as virtudes morais, tanto por orientar ao bem comum, na

²⁵ ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 200, p. 593.

justiça legal, quanto, na justiça particular, por também ter sua sede na vontade”²⁶ (VEIGA, 2017, p.118) e por fazer o bem aos outros.

Tomás de Aquino diz que o ato da justiça é o julgamento (*iudicium*), pelo qual se determina o que é justo sob três condições: primeira, que sua inclinação provenha da justiça; segunda, que venha de uma autoridade competente; terceira, que seja dito conforme a retidão da prudência. A falta de qualquer uma dessas condições leva a um julgamento ruim e ilícito.

A virtude da Justiça é de extrema importância, pelo fato de ser relacional. Está intimamente ligada ao âmbito da relação com os outros. A virtude da justiça tem de estar ligada à lei eterna e natural, porque o princípio da justiça inicia quando tem a lei eterna e natural como base.

Faz-se necessário a metafísica como suporte para a ética. A virtude da justiça só pode ser conseguida diante de um conhecimento profundo do homem e da lei inscrita nele. Sem metafísica não terá uma lei interna, daí tem uma visão obscurecida trazendo julgamentos ilícitos e perversos.

A virtude da justiça está ligada ao bem comum, em uma relação de uma pessoa com a outra, mas a Justiça sempre terá auxílio da prudência que se faz necessária para um bom julgamento, diante desse bem comum estão os países e toda a comunidade de pessoas humanas.

3.3.3 Temperança

Em síntese, as virtudes abordadas da Justiça e Prudência estão ligadas à parte moral do homem, por isso são chamadas de virtudes morais, ou da vida ativa, porque elas se expressam nas atividades cotidianas do homem. Agora temos a temperança que ajuda a regular os prazeres para que a pessoa saiba chegar à justa medida.

A virtude da temperança, “enquanto virtude especial”, (STH., II-II, q.141, a.2, resp.) é distinta, porque ela é responsável por refrear os desejos mais fortes relativos ao tato, por serem os prazeres mais naturais, relativos à conservação do

²⁶ Do ponto de vista da sua sede, é necessário que a justiça seja superior às virtudes com sede no apetite sensitivo, como a fortaleza e a temperança, mas em relação à prudência, uma virtude intelectual, tal forma não se dá absolutamente, enquanto a vontade só pode ser tida como superior ao intelecto de modo relativo. ÉTICA SEGUNDO TOMÁS DE AQUINO p. 118 (STH.,I, q.82, a.3, resp.)

indivíduo, o comer e o beber, e da espécie, o ato sexual (AQUINO, 2015). Diante disso Bernardo Veiga afirma:

Os seus vícios contrários são a intemperança (*intemperantia*) por excesso e a insensibilidade (*insensibilitas*) por deficiência, entretanto Tomás não condena o desejo, a paixão por tais bens, mas apenas diz que essa inclinação deve ser regulada conforme a razão, caso contrário induz a pessoa, especialmente pelo excesso, a abandonar facilmente as leis da razão. (VEIGA, 2017, p. 176)

Tomás de Aquino não condena o prazer, ele tem sim sua importância na vida da pessoa humana, mas ele quer só ressaltar para que a pessoa não caia nos extremos seja na intemperança ou na insensibilidade. Cabe ao homem, com sua capacidade racional e sua vontade, escolher a temperança, porque irá ajudá-lo a não abandonar as leis da razão. “Diante da intemperança, que é se inclinar aos prazeres do tato, Aristóteles chama de um vício infantil”. (VEIGA, 2017, p.176)

É um vício infantil por se assemelhar a uma criança quando cede às vontades e sempre querem mais e mais. É necessário serem corrigidas para que não se torne um hábito ruim. A intemperança é tida como reprovável diante do outro extremo que é a insensibilidade, por nos fazer assemelhar aos animais irracionais, já que isso nos submete desregradamente a bens inferiores mesmo possuindo a razão. (AQUINO, 2005)

Em outras palavras, a virtude da temperança está muito ligada aos dias atuais, como foi colocado no primeiro capítulo sobre o reducionismo da pessoa humana. Vemos que as interpretações materialistas do homem caem no extremo da intemperança, quando o homem se deixar levar pelos prazeres do tato seja na comida ou no possuir bens materiais, gerando pessoas compulsivas que compram para poder realizar algo que falta dentro delas mesmas.

Vemos que é de suma importância olhar para o conceito de pessoa em sua totalidade, porque vemos que a virtude, principalmente da temperança, irá ajudá-lo a transcender e controlar seus impulsos e, não só buscar o prazer, mas usar sua razão para eleger os bens corretos. “Também temos a insensibilidade, porém é um vício de se inclinar menos convenientemente aos prazeres do tato, por uma determinação contrária à razão, de modo a desprezar o que é necessário para a conservação do indivíduo e da natureza.” (SHT., II-II q.142, a. 1, resp)

Tomás de Aquino dirá que existem virtudes que buscam se abster dos prazeres sexuais e alimentícios, por uma boa razão, sem que implique no vício da insensibilidade. Para o aquinate há uma virtude que busca se abster dos prazeres sexuais, por uma boa razão de fim, sem que implique o vício da insensibilidade (AQUINO, 2005). Temos abstinência que regula alimentação, sobriedade que modera a bebida e a castidade que é uma virtude que regula os desejos sexuais. São tipos de virtudes que não caem no âmbito da insensibilidade, porque faz que o corpo atue conforme a razão.²⁷ (VEIGA, 2017, p.177)

A virtude da temperança tem a função de regular e ajudar a pessoa na justa medida, ela é de extrema importância para a vida ativa. Santo Agostinho afirma que no homem não existe desejos desordenados.

Não importa absolutamente, o que ou quanto de alimento alguém toma, se procede de acordo com as exigências das pessoas com quem convive e com as da própria pessoa, segundo as necessidades com que sabe o homem privar-se da comida, quando for necessário ou conveniente. (VEIGA, 2017, p.178)

Santo Agostinho afirma que cabe à pessoa regular e buscar a virtude, e utilizar dos prazeres da alimentação na medida que é necessário para a sua subsistência. (AGOSTINHO, 2014)

Com a base na filosofia aristotélica-tomista que busca unificar e harmonizar a dualidade de alma e corpo, as virtudes são de suma importância nesses aspectos. As virtudes colocadas são chamadas de morais ou cardeais não são as únicas, mas são responsáveis para criar outras virtudes.

Existe uma ligação íntima entre pessoa e virtude, apesar de não ser inata, elas são desejadas pelo homem, porque sua razão sempre irá buscar o bem e as virtudes são boas, porque regulam o homem. A virtude traz uma excelência para a pessoa humana, por isso é desejada é através delas que o homem pode alcançar a realização da sua essência.

²⁷ Tomás considera como parte integrante da temperança a honestidade, por esta ser uma beleza espiritual, que repele o que há de mais feio e desonroso para o homem, os prazeres próprios dos animais. (STH., II-II, q. 145, a.4, resp.)

3.4 Vício

O Vício é oposto à virtude. Se a virtude é o justo meio, como afirma Aristóteles e, posteriormente Tomás de Aquino, o que constitui o vício, seriam dois extremos: excesso ou a mediocridade.

O homem tem três disposições, sendo duas delas viciosas, isto é, a que objetiva o excesso ou a escassez; a terceira disposição é virtuosa agindo, como diz Tomás de Aquino, no justo meio. (ONZE LINÇÕES DA VIRTUDE, p.98)

O vício é um hábito desordenado. Ele não é inato, mas existe uma inclinação do homem, assim como tem para a virtude. Sendo um ato desordenado, (GILSON, 2000) o vício é contrário à ordem da natureza de quem o comete. Como tal, ele se opõe diretamente ao ato bom, isto é, à virtude. Isso caracteriza-o como um ato mau; logo, ele é uma falta de uma perfeição que a natureza exige.

Para a pessoa humana agir conforme à sua natureza é preciso agir racionalmente. Portanto, agir virtuosamente é seguir sua natureza, aqui temos uma superação de Tomás de Aquino sobre Aristóteles:

[...] se assim for, definir a virtude e o bem como o que se harmoniza à nossa natureza equivale a defini-los como o que se harmoniza com a razão. Inversamente os vícios só podem ser concebidos como falta de racionalidade no ato ou no costume. (GILSON, 2000, p. 398)

Tomás de Aquino colocará a virtude como algo que se harmoniza com a razão, segue aquilo que é a própria essência humana. O vício é visto como uma falta de racionalidade. O extremo faz que a pessoa se rebaixe ao nível dos animais, quando só segue seus atos sem o auxílio da razão.

Em suma, o vício é contrário à natureza do homem, quando não exerce bem sua racionalidade cai no extremo. O homem tem essas inclinações que podem ser hábitos bons ou ruins, mas sua capacidade intelectual irá ajudar nas suas escolhas.

Em outras palavras, a virtude e o vício é algo que vem sendo discutido em toda história da filosofia, e vemos que a virtude é um caminho seguro, o justo meio entre dois extremos. Olhando para o homem, podemos pensar numa realização que

inicia com o autoconhecimento, a prática das virtudes e culminando com a realização do ser pessoa.

4. CAMINHO PARA REALIZAÇÃO – TORNA-TE QUEM TU ÉS

A filosofia aristotélica-tomista coloca a felicidade atrelada à vida humana em sua totalidade, ou seja, atinge tanto a essência tanto a existência, de modo a não considerar essas realidades de forma separada.

Diante disso, o homem é um ser que deseja alcançar o seu fim. Esse fim é tornar-se o que realmente é²⁸, mas para que isso aconteça, faz-se necessário um conhecimento íntimo de si mesmo, que chegue ao conhecimento real e não ideal de pessoa. (STORK; ECHEVARRÍA, 2016)

4.1 Aperfeiçoamento da essência

A perfeição é aquilo que todo Homem aspira, ainda que de forma errônea. Pelo simples fato de viver, a pessoa já está nessa busca. O Homem sendo uma substância racional está em busca de se aperfeiçoar, diferente dos animais que não almejam essa procura. Diante do relativismo moral e de uma visão fragmentada da pessoa, esse aperfeiçoamento que o homem busca passa a ser visto simplesmente no âmbito da existência.

O objetivo da vida humana é alcançar a perfeição, para isso o homem precisa viver racionalmente, isto é, conforme a sua essência. A essência do homem anseia por algo que o aperfeiçoe, mas, esse aperfeiçoamento não é mudar aquilo que é, e sim elevar a uma realização que não fique só na existência ou acidentes.

Para esse aperfeiçoamento acontecer é necessário que o homem tenha um conhecimento de quem é realmente, precisa seguir aquilo que a essência comunica, esse conhecimento de si mostra que a virtude é o meio que o homem pode eleger para aperfeiçoar sua essência.

O aperfeiçoamento está ligado a doutrina do Ato e da potência, potência como uma possibilidade de vim a ser, e o ato a perfeição atual. Essa realidade está

²⁸ O Ser é aquilo que dá a existência de todo ente, coloca-se o “é” para afirmar sua existência vinculada a uma essência.

presente na pessoa humana. A primeira perfeição do Ente é o ser (AQUINO, 2013) O ato primeiro é o existir, a primeira perfeição do homem que possibilita está no mundo. O ato segundo é ação que o homem que pressupõe o ato primeiro, por isso afirmação o agir segue o ser está intimamente ligada ao homem.

O comportamento ético do homem é que vai determinar o aperfeiçoamento da sua essência. É natural do homem buscar a perfeição por meio de uma via virtuosa, mas pela falta de um conhecimento de si, ele pode cair num comportamento inadequado que busque o prazer desordenado como fim (VEIGA, 2017).

A perfeição da essência consiste na busca do bem. O aperfeiçoamento da essência inicia-se pela busca sincera do bem, e o caminho para que o homem busque esse bem é a virtude. Essa realização inicia na existência. O Homem sendo um espírito encarnado busca o sentido a partir da existência (PEIXOTO, 2009).

Sendo essência encarnada, a pessoa busca seu aperfeiçoamento pelos atos morais, que por meio do ato segundo toca diretamente o seu ato primeiro. A metafísica e a ética são fundamentais na construção da existência humana que elege um caminho bom, para que possa, por meio desse ato aperfeiçoar a essência. (Veiga, 2017)

A perfeição da essência consiste em tornar-se aquilo que realmente é. Esse tornar-se não é mudar, mas trazer para fora aquilo que está inscrito na essência da pessoa. No primeiro capítulo foi colocado o homem como uma substância racional. O “tornar-se” aqui é fazer com que as potencialidades da pessoa se transformem em atos, aperfeiçoando a mesma e fazendo com que se realize o seu ser pessoa.

Portanto, o conhecimento de si é, fundamental para que haja um aperfeiçoamento da essência. É a partir da existência que o homem chega a sua essência (MELENDO, 2002).

4.2 A virtude como meio: entre a imanência e a transcendência

A virtude é uma disposição que, a partir dos bons hábitos, conduz o homem a uma vida correta, virtuosa, feliz como foi afirmado no segundo capítulo. Porém, faz-se necessário especificar como atua essa disposição. “Devemos observar que toda a virtude ou excelência não apenas põe em boa condição a coisa a que dá excelência,

como também faz que a função dessa coisa seja bem desempenhada” (ARISTÓTELES, II, 6, 1106 a). Aristóteles faz referência a atuação do homem que é virtuoso, e das suas ações, para isso ele formula a natureza da virtude como um meio-termo.

Para Aristóteles as ações humanas constam da existência de excessos ou deficiências. Esses extremos tem a capacidade de destruir a vida virtuosa, por isso segundo a reta razão o homem tem de buscar o meio termo (*mesotés*) entre essas ações. O filósofo notou que na natureza existem coisas que são contínuas e divisíveis, nelas há “uma parte maior, menos e igual, e isso tanto em termos da própria coisa, quanto em relação a nós; e o igual é um meio-termo entre o excesso e a falta” (ARISTÓTELES, II, 6, 1106 a). Nota-se que Aristóteles traz uma noção que é matemática para poder explicar como funciona o meio-termo que é a natureza da virtude²⁹.

Se dez é demais e dois é pouco, seis é o meio-termo, considerando em relação ao objeto, porque esse meio-termo excede e é excedido por uma quantidade; esse número é intermediário de acordo com uma proporção aritmética. Mas o meio-termo em relação a nós não deve ser considerado dessa forma; se dez minas de alimento é demais para uma determinada pessoa comer e duas minas é muito pouco, não se segue necessariamente que o treinador prescreverá seis minas; porque isso talvez também seja demasiado para a pessoa que deve comê-lo, ou então pode ser muito pouco. [...] um mestre em qualquer arte evita o excesso e a falta, buscando e preferindo o meio-termo – o meio-termo não em relação ao objeto, mas em relação a nós. (ARISTÓTELES, II 1106 a – 1106 b)

O filósofo coloca a virtude como o meio-termo, nisso consiste toda a ética aristotélica, fazer com que o homem alcance à perfeição, que para os gregos consistia em ser um cidadão exemplo da pólis. A filosofia tomista elevou o sentido da virtude, que seria como motores com a função de aperfeiçoar o homem.

Para Tomás de Aquino, a virtude desempenha muito mais que um meio termo entre um excesso e a escassez, mas sim o meio termo entre a imanência e a transcendência. (AQUINO, 2013) Mounier ao afirmar a existência do homem, diz: que a existência humana é o ponto de partida para uma construção interior e exterior (PEIXOTO, 2009). Aqui o personalismo e o Tomismo se encontram, porque ambos parte da existência para afirmar a essência do homem e sua finalidade.

²⁹ Ética a Nicômaco.

O homem, um ser moral que busca a realização, escolhe o caminho que o leve à perfeição. Nisso a pessoa deve agir em vista de um fim, sendo um ser racional e tendo, portanto, domínio sobre os seus atos pela razão prática e pela vontade. A virtude aqui pode ser colocada no âmbito da relação, como o meio entre imanência e transcendência.

A relação aqui acontece entre imanência e transcendência. Na parte que toca à existência temos a virtude como relação entre o homem consigo e depois o homem com o outro. Na relação consigo, é possível notar a vinculação que o homem tem com seu próprio “EU”, vendo o que ele realmente é. Pode compreender que a virtude faz que o homem entre em contato consigo mesmo.

Conhecer-nos a nós mesmo é mergulhar nos fatores internos, é tentar dar um sentido mais profundo e importante à nossa vida. A sociedade consumista afoga até mesmo a questão do valor dos fatores internos como honestidade, sinceridade, simplicidade... A procura de sucesso, de bens materiais não abre espaço para outras preocupações e interesses menos materiais, e a pessoa, em vez de enriquecer-se interiormente, vai diminuindo seu horizonte e seu sentido da vida, até reduzir sua perspectiva vital aos aspectos mais materiais da existência. (RAMOS RODRIGUEZ, 2016, p.15 – 16)

“Conhece-te a ti mesmo” era a máxima de sabedoria grega recomendada a todos os cidadãos do orbe grego. O conhecimento de si por meio da virtude é o sentido mais profundo e importante da existência humana. Sócrates afirmava sobre a importância do conhecimento de si.

Além dos Gregos, o Filósofo Agostinho de Hipona faz referência à metafísica da interioridade³⁰, a pessoa voltando para si descobre o sentido da sua existência.

Além do relacionamento consigo a Pessoa se relaciona com o outro. A Virtude como o papel de relação ajuda o homem a se relacionar com o outro, que também se dá na existência e com Deus que o eleva para a transcendência.

A virtude ajuda que o homem não fique só no relacionamento consigo, porque se ele só ficasse no seu “EU” teria um excesso, o egoísmo, a virtude traz a pessoa para fora de si para que não caia no vício do egoísmo. Ela irá regular o relacionamento que o homem tem consigo, com o outro e com Deus, por isso é o meio entre a imanência e a transcendência.

³⁰ Referência a Teoria da Iluminação desenvolvida por Santo Agostinho

A pessoa não é só essência ou só existência, se afirmo só a essência cai no extremo do essencialismo, e se afirmo só a existência o fim será o existencialismo. A virtude mantém o meio termo entre a imanência que afirma sua existência e o seu relacionamento com o seu EU e com o outro, e a transcendência que afirma o relacionamento com Deus (PEIXOTO, 2009)

Portanto, a virtude conduz a pessoa ao absoluto que é o fundamento de toda a sua existência. Os atos virtuosos vão marcando a essência, fazendo com que ela se torne aquilo que realmente é. Nota-se que a virtude ajuda na construção da pessoa ou até na reconstrução por causa da fragmentação que ocorre na modernidade, sendo o meio entre a imanência e a transcendência, a virtude traz de volta o homem na sua totalidade.

4.3 Reconstrução da pessoa pelas virtudes

No primeiro capítulo foi abordado sobre a pessoa humana e a sua fragmentação na modernidade. Por isso, temos que vê-la na perspectiva metafísica da essência e da existência e, assim, sair do reducionismo.

Com a influência das ideologias a visão de homem foi fragmentada. A virtude pode ser a solução para que reconstruí a pessoa dando sentido à sua existência na modernidade.

4.3.1 Anseio pelo fim último

Tomás de Aquino afirma que todas as coisas operam em vista de um fim (AQUINO, 2017).

Esse fim último não é simplesmente aqui, como afirma a ideologia marxista, mas algo que é transcendente, vai além do homem. Vemos esse anseio da pessoa por alcançar o seu fim último para o qual a essência tende.

Com efeito, nas coisas que operam claramente visando a um fim, chamamos fim àquilo para qual se dirige o impulso do agente. Se o alcançar, dizemos que alcançou o fim, mas não o alcançando, dizemos que não alcançou o fim intencionado, como, por exemplo, vemos no médico

trabalhando para saúde, e no corredor que busca a meta. (AQUINO, 2017, p.353)

Esse anseio é um impulso que todos os seres têm, cada ser vive em vista de um fim, toda sua existência está direcionada para um ponto de chegada.

A Pessoa humana não é diferente, é impulsionada a este fim, só que na maioria das vezes não realiza seu anseio, de alcançar o fim último. Para qual fim o homem tende? seriam as virtudes, as realizações no âmbito da existência, como afirma o marxismo. O personalismo de Mounier traz o fim como uma realidade espiritual, sendo que o homem é espírito encarnado. (PEIXOTO, 2009)

A Virtude aqui não é o fim para o qual o homem tende, é o meio. Encarar a virtude como um fim é instrumentaliza-la.

O fim das coisas é o bem. A virtude não é o bem último pela qual a pessoa humana tende, afirma Tomás de Aquino.

Se, conforme se provou, todo agente opera por causa do bem, resulta ulteriormente que o bem é o fim de todos os entes. Ora, todo ente ordena-se para o fim pela operação, pois é preciso que ou a própria operação seja o fim, ou que o fim seja também o fim do agente, o que é o seu bem. (AQUINO, 2017, p. 370)

O fim colocado por Tomás de Aquino na Suma contra os Gentios é aquilo que todos os entes desejam. Esse fim é o bem, esse bem é o anseio da pessoa humana, que escolhe os meios mais adequados.

Os atos virtuosos que o homem elege para alcançar o bem que tanto anseia. O papel da virtude é ajudar a pessoa alcançar seu fim, para isso é necessária uma reconstrução da pessoa em sua totalidade.

Essa reconstrução passa pelo conhecimento de si mesmo, e assim descobrindo qual é o seu fim. Sabendo quem é a pessoa, sabe-se também qual é o seu fim, daí se escolhe o meio mais adequado para que alcance esse fim: a posse do bem.

Portanto a vida virtuosa é em vista de um bem maior, que está além do homem. Dessa maneira cabe a pessoa percorrer esse caminho de autoconhecimento para que possa alcançar esse bem último que tanto anseia.

4.3.2 Virtude: realização da essência humana

A virtude é o caminho para que o homem alcance sua plenitude que é a realização da sua essência. Ela é o caminho mais elevado para que a pessoa humana possa finalmente tenha posse do bem, que é seguir realmente o seu ser.

A realização do seu ser consiste na própria felicidade. Entende-se felicidade³¹ como certa atividade da alma em conformidade com a virtude perfeita, mas aquisição da virtude perfeita depende de certos bens adicionais. (VEIGA, 2017) A felicidade não está ligada só a imanência como afirmava Aristóteles, mas a Transcendência como diz Tomás de Aquino. (OLIVEIRA; NUNES COSTAS, 2011)

A partir dessa constatação, nota-se que a vida do homem não consiste somente no desfrute das coisas efêmeras do mundo, mas uma vida feliz, por meio da conquista das virtudes.

Tomás de Aquino dá uma nova roupagem à ética aristotélica, para ele a felicidade é a posse do bem, mas não um bem imanente e sim o sumo bem que é a causa da vida humana. Tomás não esquece do conceito de virtude que foi desenvolvido por Aristóteles, mas coloca-a como um fato primordial, “a felicidade é a ação que procede de uma vida perfeita” (AQUINO, 2003, p.64). Logo, a sua busca é algo conatural à sua existência e se vincula diretamente à sua ação.

Escolhendo a virtude e não o vício o homem por meio da sua ação alcança a posse do sumo bem. Para Tomás, a felicidade existe no âmbito natural e sobrenatural, mas o foco é no natural. A virtude traça um caminho de perfeição final que leva o homem à transcendência e à realização daquilo que deve ser.

Portanto, a realização da essência humana se dá por meio das virtudes e de uma forma natural que inicia na sua existência, só que vai além da sua vida. Essa realização consiste em realizar o seu Ser Pessoa, “agir segue o ser”. Essa afirmação medieval é bem atual, o ser sempre estará conectado com o agir.

O ser sempre comunica para o agir a forma de proceder. Não basta ser pessoa, a realização consiste em agir como pessoa. Quando à sintonia entre o ser e o agir a pessoa pode alcançar o ápice da sua liberdade humana que é a realização da sua essência humana.

³¹ Eudaimonia é o fim último, o mais excelente dos bens EN., 1094s22.

A felicidade é a posse do bem como afirma Aristóteles, e por meio das virtudes essa felicidade se dá de forma mais segura. A felicidade tem uma ligação íntima com a virtude, e por isso é o meio mais adequado para que a pessoa alcance seu fim. A posse do bem no âmbito natural é possível para o homem moderno.

4.4 A ligação íntima entre virtude e felicidade

A pessoa humana, por sua própria natureza e capacidade, consegue obter a felicidade, ainda que dependa do Sumo Bem para existir e operar. O homem deseja, uma vida boa e feliz para isso a virtude se faz necessária.

Há uma ligação intrínseca entre a virtude e a felicidade. A felicidade é o fim, a virtude é o meio e a vontade do homem é a partida. O homem, na sua boa vontade, busca o bem e elege o meio para alcançar o fim e se realizar.

Na modernidade essa ligação vem se perdendo, pelo simples fato de que tanto a felicidade como a virtude vêm sendo instrumentalizada. A felicidade não é mais a posse do bem, mas a posse das coisas. (RODRIGUEZ, RAMOS)

Se a vida virtuosa leva o homem a sua realização, o vício leva a uma despersonalização. O vício é a posse desfreada das coisas, aos invés de uma ligação íntima entre felicidade e virtude, agora é entre vício e felicidade, o desejo desordenado tudo isso é ações viciosas das pessoas.

A felicidade, vista numa perspectiva de instrumentalização, muda toda a dinâmica da vida humana. Se a felicidade vira um instrumento não existe mais realização, mas sim despersonalização. O homem vem perdendo sua identidade a partir do momento que não tem consciência do seu fim.

A pessoa humana tem fundamentado a felicidade na existência factual e nisso constrói uma relação objetual (PEIXOTO, 2009). A pessoa vira objeto e transforma o outro em um objeto, por fim a realização da essência desaparece, porque toda realidade metafísica se perde.

A perda do sentido metafísico, que leva à fragmentação da pessoa humana, leva a uma realização meramente existencial, que se dá no âmbito da materialidade. É nítido que hoje as doenças que tocam o íntimo dos homens são, em

grande parte, consequência de uma perda do sentido de quem é a pessoa e qual é seu fim.

O sentido da vida da pessoa vem se perdendo. É necessário um retorno do conceito de pessoa na sua totalidade, como foi abordado no primeiro capítulo. É uma realização que vá além da imanência humana e sim que toque a sua essência que determina suas ações.

A virtude é o meio que a pessoa escolhe para que chegue ao seu fim. O fim do homem é a realização da sua essência, que para Aristóteles é a felicidade e para Tomás de Aquino é a Bem-aventurança (VEIGA, 2017). Entre ambas existe a ligação íntima, porque a virtude conduz o homem à felicidade que é sua realização.

4.4.1 Homem virtuoso é feliz

O conhecimento de si é fundamental para que o homem alcance a felicidade. A felicidade vem a partir de uma vida virtuosa, um homem virtuoso é feliz.

Tomás de Aquino trilha um caminho para mostrar no que consiste a verdadeira felicidade. A vida virtuosa alcança a felicidade. É uma vida na graça, há um processo de aperfeiçoamento natural, de uma ética detalhada³² (VEIGA, 2017).

Essa vida na graça seria um percurso para que o homem chegue à felicidade. Isso seria atividade virtuosa da pessoa, o homem que busca se realizar usando a virtude como meio. A felicidade do homem consiste em realizar a sua essência, e tornar aquilo que ele nasceu para ser.

O homem virtuoso é feliz, porque sua felicidade não está nas coisas corruptíveis, mas na alma como afirma Tomás de Aquino.

É impossível que a bem-aventurança consista nos bens do corpo. Primeiro, porque é impossível que o fim último daquilo que se ordena para outra coisa como para o seu fim, seja a sua conservação no existir [...]. Segundo, porque concebido que o fim da razão e da vontade humana fosse à conservação do existir humano, não se poderia dizer que o fim do homem fosse algum bem ao corpo. Ora, o ser do homem consiste na alma e no corpo, e, embora o ser do corpo dependa da alma, o ser da alma não depende do corpo [...]. Consequentemente, todos os bens do corpo se ordenam para os da alma, como para o fim. (OLIVEIRA; NUNES COSTAS, 2011, p. 17)

³² Busca das virtudes em vista de um fim

Portanto, a felicidade é mais uma questão de ordem espiritual que de ordem material. A felicidade não pode consistir em um bem corruptível, mas em algo que se volta prioritariamente para a eternidade (OLIVEIRA; NUNES COSTAS, 2011)

Tomás de Aquino inspira-se nas teses aristotélicas e tem como objetivo elevá-las a um grau maior; para o filósofo medieval o homem virtuoso é feliz não porque é o exemplo da pólis como afirmavam os gregos (REALE,1990). A vida virtuosa faz a pessoa feliz, porque a felicidade é a realização da essência, tem aqui um tornar-se o que é, um trazer para fora aquilo que é a natureza humana. Tomás de Aquino desenvolve bem a noção de homem virtuoso trazendo a mentalidade cristã.

Portanto, o homem virtuoso é feliz, porque realizou a sua essência. Numa sociedade onde o relativismo moral, materialismo, estão com toda força, uma realização que toque a essência se mostra ultrapassada. Sabe-se que a excelência da pessoa está em seguir a sua essência, porque é algo objetivo e não subjetivo. A premissa medieval do “agir segue o ser” se torna mais forte, porque a virtude é necessária para que o agir esteja vinculado com o ser, e isso torna o homem feliz e realizado. A virtude aprimora o ato de ser, ela atualiza o que era virtualidade na essência da natureza humana.

Ver a pessoa em sua totalidade e depois eleger um caminho que seja seguro para que uma verdadeira realização seja pautada na essência. É uma resposta para o mundo de hoje, processo de autodefinição pelas virtudes a realização que toque a essência e ajude a pessoa torna quem é realmente, é de suma importância.

Todo o dilema vivido pela pessoa humana hoje é de caráter existencial, a existência humana perdeu o fim, pois deixou de seguir o seu ser. Isso é de extrema importância, porque quando não se sabe para onde quer ir qualquer caminho serve, a pessoa escolhe caminhos pautados em falsas perspectivas de bem e felicidade. (STORK; ECHEVARRÍA, 2016)

A virtude é o caminho para a felicidade do homem, para que isso possa ser construído na sociedade contemporânea é preciso um resgate metafísico do comportamento humana. A metafísica foca no fundamento da pessoa humana e dos outros entes, a ética das virtudes constrói um caminho para que o homem conheça e chegue ao seu fim último.

O homem virtuoso é feliz, porque vive desapegado das coisas exteriores e sabe que o fundamento e a causa da sua vida não é ele próprio, mas sim o bem absoluto; utilizando da sua existência o homem feliz transcende ao absoluto.

Se, pois, a felicidade última do homem não consiste nas coisas exteriores ditas bens da fortuna, nem nos bens corpóreos, nem na parte sensitiva da alma, nem na parte intelectual referente às virtudes morais, nem nas virtudes intelectuais ativas, a saber, na prudência e na arte; de tudo isso resulta que a felicidade última do homem está na contemplação da verdade. (AQUINO, 2017, p.395)

Para Tomás de Aquino a felicidade do homem está na contemplação da verdade, o homem não pode pautar sua vida em bens passageiros, a própria virtude não pode ser colocada como fim, mas o meio de alcançar a felicidade.

Tomás de Aquino não acredita numa felicidade plena aqui nesse mundo, por isso usa o termo posse da verdade para dizer, que a felicidade do homem se dá quando ele alcançar a beatitude ver Deus face a face. (AQUINO, 2017)

Mesmo assim ele não anula uma vida virtuosa, porque a partir do ato segundo o homem vai construindo o seu caminho até Deus. Ele enaltece as virtudes como motores que movem o ato segundo agir conforme comunica o ato primeiro. (VEIGA, 2017).

Homem virtuoso é feliz, porque sua felicidade é metafísica e não física. Por isso se faz necessário uma metafísica entrelaçada com a ética das virtudes, para que construir uma antropologia sadia que compreenda o homem na sua totalidade. Conclui-se que a pessoa humana é feliz quando a virtude aprimora o ato de ser pessoa e eleva a essência a sua plenitude metafísica.

4.4.2 O homem virtuoso é livre

A pessoa humana não seria virtuosa se não fosse capaz de escolher os atos virtuosos que a deixam feliz. A Liberdade consiste numa *immunitas coactione* (ausência de obrigação) em linhas gerais (MARTINS JÚNIOR, 2014). Fulton Sheen afirma, acerca da liberdade: “a liberdade é o direito de fazer o que eu devo” (SHEEN, 1956 p.29). Aqui deve implicar a determinação da essência humana, porque não possível ser livre se não for agindo conforme a essência.

A liberdade do homem consiste no conjunto de decisões que tem que tomar ao longo da sua existência. Essas decisões boas ou ruins vão afetar diretamente a sua essência. Agostinho vai dizer que o homem só pode escolher o bem o mal está fora de cogitação (Agostinho, 2014).

A liberdade é uma aspiração do homem sempre na busca da felicidade. E diante de tantas decisões a virtude é a maneira que torna o homem livre. Diante da afirmação de Fulton Sheen que a liberdade é fazer aquilo que devo, pessoa é livre na medida que segue sua essência.

A essência do homem vai determinar sua ação no mundo, mas não pode entender essa determinação como algo estático que escraviza a pessoa, mas algo que dá pleno sentido ao seu ser. Diante de decisões o homem que opta pela virtude, para uma vida livre e realizada.

O homem não tem uma liberdade absoluta, a felicidade dele não consiste em fazer tudo aquilo que ele quer, é uma liberdade determinada por uma essência. O homem não é livre como um castigo, é livre porque liberdade faz parte do seu ser.

Existe uma conexão entre liberdade, virtude e determinação. Essa conexão acontece a partir de um autoconhecimento. O conhecimento de si faz necessário, porque o homem compreendendo sua determinação será mais livre para escolher o melhor caminho. A liberdade nasce dentro de uma determinação.

O homem virtuoso é livre, porque seguindo o seu ser encontrou todo o sentido da sua existência. Sua liberdade é seguir o seu ato primeiro e buscando cada dia a realização da sua determinação.

A visão de determinação³³ hoje é pautada sempre por algo ruim, mas determinar significa algo firme e decidido. A determinação da essência caracteriza que não existe dúvida. Homem livre quer dizer que não existe dúvida sobre sua identidade.

O homem virtuoso é livre, porque não existe dúvida sobre o seu ser, e seu fim último e aceita sua determinação, é o que faz livre em relação aos outros entes, uma pedra não é livre como o homem é livre.

É notório que as escolhas particulares que a pessoa faz estão entre diversas possibilidades no mundo, enquanto que a opção fundamental pela virtude é realizada mediante um sim ou um não, em que a pessoa, se aceita ou se rejeita a si mesmo de forma incondicionada (LUCAS, 1999).

Por fim, a opção fundamental é requisito indispensável para a plena realização do homem, além de ser importante para o desenvolvimento no mundo, sendo uma dimensão adquirida e controlada pelo exercício correto de sua liberdade.

³³ Latim *determinatione* ato ou efeito de determinar, ausência de dúvida

Característica do homem livre, além de ser virtuoso é que ele aceitou sua condição e não busca muda-la, mas por meio das virtudes buscou realiza-la de forma plena.

Conclui-se que sendo determinado o homem é virtuoso e conseqüentemente é livre, porque seguiu a sua essência e fez uma escolha fundamental pela virtude assim realizando o seu ser pessoa que inicia no mundo e depois com a bem-aventurança.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todo o processo de investigação acerca da pessoa e das escolhas visando à realização, chegamos à conclusão de que a pessoa realiza sua essência escolhendo o caminho das virtudes.

Falar de virtude como caminho para realização da essência humana é dizer que a pessoa só alcançará a realização do seu ser a partir da prática da virtude. Por isso, realizar a essência não implica fazer o que bem quiser, pois a felicidade do homem está em seguir o seu ser.

No entanto, encontramos na vida virtuosa o caminho e a forma de plenificar a essência humana e dirigir ao fim mais almejado: a felicidade. Por virtudes entende-se a capacidade de o homem praticar atos moralmente bons, conquistados pelo hábito; de optar sempre pelo meio termo entre dois extremos, visando sempre o aperfeiçoamento da essência.

Destarte, o homem será feliz quanto mais orientar sua vida a uma reta vivência das virtudes, assumindo que é um sujeito que tem essência determinada e tem de seguir aquilo que ela comunica. Enxergar a pessoa na sua totalidade é perceber que o “torna-te” é de suma importância. Porque a partir de um conhecimento de si mesmo o homem poderá eleger o melhor caminho para alcançar a realização da sua essência, que se inicia no mundo rumo à plena felicidade. O homem deve assumir realmente sua identidade, para poder formar bases sólidas na sua existência, não cabe só ter a perfeição de existir, tem de elevá-la, atualizar tudo aquilo que está de formar virtual na essência, para que não seja só um ser de potência, mas um ser para o ato.

Por fim, vemos que, para ser feliz, requer-se um caminho nas virtudes, o qual exige autoconhecimento em prol de seguir o seu ser pessoa. A virtude é o caminho para a felicidade. Por que? Porque visa não um bem efêmero, mas à elevação da própria essência humana. A virtude se torna o artífice de uma vida feliz: paulatinamente, vai encontrando e dando sentido à opção fundamental que o homem faz cotidianamente para fundamentar sua identidade de pessoa livre e feliz. O homem virtuoso é feliz e livre porque deu sentido ao seu próprio ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBA, Giuseppe. **Felicidad, vida buena y virtud**. Barcelona: Navarra, 1992.

ABBAGNANO, Nicolas. **Dicionário de filosofia**. Trad. da 1ª ed. brasileira coord. e rev. por Alfredo Bossi; rev. da trad. e trad. dos novos textos Ivone Castilho. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AGOSTINHO. **Livre Arbítrio**. São Paulo: Paulus, 2014.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Torrieri Guimarães. 5. ed. São Paulo: Martins Claret, 2001.

ALVIRA, Tomás; CLAVELL, Luis; MELENDO, Tomás. **Metafísica**. 8. ed. São Paulo: Raimundo Lúlio, 2014.

AQUINO, Tomás. **Suma contra os gentios**. 2. ed. Campinas/SP: Ecclessiae, 2017.

_____. **As virtudes morais**. 1. ed. Campinas/SP: Ecclessiae, 2012.

_____. **Onze lições sobre a virtude**: comentário ao Segundo Livro da Ética de Aristóteles. 1. ed. Campinas/SP: Ecclessiae, 2014.

_____. **Comentário à Ética a Nicômaco de Aristóteles I-III**: o bem e as virtudes. inclusa tradução do texto de Aristóteles. Tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. Rio de Janeiro: Mutuus, 2015a.

_____. **Suma Teológica – Volume II**. Edição bilíngue coordenado por Carlos – Josaphat Pinto de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005a.

_____. **Suma Teológica – Volume III**. Edição bilíngue coordenado por Carlos – Josaphat Pinto de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2003a.

_____. **Suma Teológica – Volume IV**. Edição bilíngue coordenado por Carlos – Josaphat Pinto de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005a.

_____. **Suma Teológica – Volume V**. Edição bilíngue coordenado por Carlos – Josaphat Pinto de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004a.

BOÉCIO. **Escritos (opuscula sacra)**. Trad., introd., estudos introdutórios e notas Juvenal Savian Filho. Prefácio de Marilena Chauí. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COMPARATO, Fábio Konder. **Ética**: direito, moral e religião no mundo moderno. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

DE OLIVEIRA, Janduí Evangelista; NUNES COSTA, MARCOS ROBERTO. **A felicidade na filosofia de Santo Tomás de Aquino**. 2011. Artigo (Filosofia). Universidade Federal de Pernambuco, [s.l.], 2011.

DE PAULA, Ricardo Almeida. **Crise da pessoa e a crise da educação**: um estudo na perspectiva personalista de Emmanuel Mounier. Curitiba: CRV, 2012.

GARDEIL, Henri-Dominique. **Iniciação à filosofia de São Tomás de Aquino**: introdução, lógica e cosmologia. São Paulo: Paulus, 2013

GILSON, Etienne. **História da filosofia cristã**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

KANT, Immanuel. **A fundamentação da metafísica dos costumes**. Trad. Paulo Quintela: Grundlegung zur Metaphysik der Sitten. Lisboa: ed. 70, 1997.

LEWIS, C.S. **A abolição do homem**. 1. ed. Rio de Janeiro: Tomás Nelson Brasil, 2017.

LUCAS LUCAS, Ramon. **El Hombre Espiritu Encarnado, Compendio de filosofía del hombre**. 2 ed. Salamanca,

MACINTYRE, A. **After virtue**: a study in moral theory. 2. ed. London: Duckworth, [1981].

MACINTYRE, Alasdair. **Depois da virtude**. Trad. Jussara Simões. São Paulo: EDUSC, 2001a.

MATOS PAULO. **Antropologia**. Brasília, 2017 (Apostila de Antropologia)

MARTINS JÚNIOR, Paulo Nogueira. **Virtudes**: um caminho para a liberdade. 2014. 46 f. Artigo (Filosofia). Faculdade Serra da Mesa, Uruaçu/GO, 2014. Disponível em: <<http://fasem.edu.br/>>. Acesso em: 21 ago. 2018.

MELENDO, Tomás. **Metafísica da Realidade**. 1. ed. São Paulo: Raimundo Lúlio, 2002.

PEIXOTO, Adão José. **Pessoa, existência e educação**. Goiânia: Alínea, 2009.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 1990.

RODRIGUES, Ricardo Antonio. **Severino Boécio e a invenção filosófica da dignidade humana**. 2014. 19 f. Artigo (Filosofia). Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/searafilosofica/article/download/1915/1747>>. Acesso em: 21 ago. 2018.

ROCHA, Paulo Roberto. **As virtudes no pensamento de Santo Tomás de Aquino**. Disponível em:

<http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/as_virtudes_no_pensamento_de_santo_tomas_de_aquino.pdf>. Acesso em: 5 set. 2018.

RODRIGUEZ RAMOS, José Maria. **Conhece-te a ti mesmo**: excelência humana e ética. 1. ed. São Paulo: Quadrante, 2016.

SHEEN, Fulton J. **O problema da liberdade**. Trad. de Augusto de Melo Saraiva. 5. ed. Rio de Janeiro: AGIR, 1956.

STREFLING, Sergio Ricardo. **A realidade da pessoa humana em Tomás de Aquino**. 2017. 7 f. Artigo (Filosofia). Universidade Federal de Pelotas, Universidade Federal de Pelotas, [s.l.], 2017.

STORK, Ricardo Yepes; ECHEVARRÍA, Javier Aranguren. **Fundamentos de antropologia**: um ideal da excelência humana. 2. ed. São Paulo: Raimundo Lúlio, 2016.

VEIGA, Bernardo. **A ética das virtudes segundo Tomás de Aquino**. 1. ed. Campinas/SP: Ecclessiae, 2017.

WOLF, Úrsula. **A Ética a Nicômaco de Aristóteles**. São Paulo: Loyola, 2010.